

CONTAR O INVISÍVEL

USAR DADOS PARA TRANSFORMAR A VIDA DE MENINAS E MULHERES ATÉ 2030



por ser **MENINA**



Todos os esforços foram feitos para garantir que as informações contidas neste relatório são precisas no momento da publicação e todas as fontes relevantes foram citados. Plan International não pode ser responsabilizada por eventuais imprecisões.

As perspectivas e opiniões expressas nesta publicação não representam necessariamente a política oficial da Plan International

Parte desta publicação pode ser copiado para uso em pesquisa, advocacia e educação, desde que a fonte seja citada. Esta publicação não pode ser reproduzida para outros fins sem a prévia autorização da Plan International.

Como citar este artigo : Plan Internacional, *Contar o invisível: Usar dados para transformar a vida de meninas e mulheres até 2030* (Woking, Reino Unido : Plan International, 2016).

ISBN 978-1-906273-78-1

© Plan International

Outubro 2016

Foto da capa © Plan International/Flemming Gernyx / Meninas na escola em Epworth, e estabelecimento informal leste de Harare, Zimbabué.

Contar o invisível não teria sido possível sem a orientação, colaboração e contribuições de muitas pessoas e organizações. Gratidão enorme extensivo a todos os que disponibilizaram seu tempo, experiência e suporte para elaboração deste relatório. Em particular, agradecimentos para os seguintes:

DA PLAN INTERNATIONAL

Anne-Birgitte Albrechtsen, Diretora Executiva; Jacqueline Gallinetti, Diretora de Pesquisa e Gestão do Conhecimento; Gordon Glick, Diretor de parcerias globais; Sean Maguire, Diretor Executivo da Influencia Global e Parcerias.

ORIENTAÇÃO DA POLÍTICA E PROGRAMA

Leila Asrari, Anne-Claire Blok, Mary Bridger, Stefanie Conrad, Tanya Cox, Rosamund Ebdon, Amanda Lundy, Alex Munive, Zara Rapaport, Adam Short, Johanne Westcott-Simpson e Alison Wright.

REVISORES EXTERNOS

Alexandra Farnum e Erin Hohlfelder (Fundação Bill & Melinda Gates); Emily Courey-Pryor, Rebecca Furst-Nichols e Stephanie Oula (Data2X); Shannon Kowalski, Helena Minchew e Susan Wood (Coligação Internacional de Mulheres para Saúde); Trevor Davies, Kate Maloney e Timothy A. A. Stiles (KPMG LLP); Emily Huie, David McNair e Kate Van Waes (ONE Campaign); e Katja Iversen e Susan Papp (Women Deliver).

CONTRIBUINTES

Por suas excelentes contribuições escritas, os nossos agradecimentos vão para Mayra Buvinic e Ruth Levine (Data2X); Gaëlle Ferrant, Keiko Nowacka e Annelise Thim (OCDE Centro de Desenvolvimento); Eloise Todd (ONE Campaign); e Katja Iversen (Women Deliver)

PRIMEIRA PESQUISA

Jean Casey, chefe da pesquisa e autor. E agradecimentos equipas de trabalho de investigação na Plan International Nicarágua e Plan International Zimbabwé por suas contribuições inestimáveis para a pesquisa – especialmente Pedro Sanchez e Johana Chevez na Nicarágua, Dr. Bartholomew Mupeta e Nobesuthu Mgutshini no Zimbabwé, todas as meninas que participaram no estudo e os assistentes de pesquisa que facilitou – os trabalhos. Nossos agradecimentos vão também para Linda Campbell na análise de dados e ao Dr. Terry Roopnaraine como consultor externo.

EQUIPA DE COMUNICAÇÃO

Keira Dempsey, Sandra Dudley, Carla Jones, Davinder Kumar, Leila Lahfa, Piers Nutbrown, Danny Plunkett.

EQUIPA DE ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO

Principal autor e redator chefe: Zahra Sethna
Verificador: Yasmine Hage
Cópia da edição: Catherine Rutgers
Tradução: Nuno Sanha e Hélder Duarte Baticã

GRÁFICA

Alan Bingle e Michael Sullivan, Forty6 Design, www.forty6design.com

CONTAR O INVISÍVEL

USAR DADOS PARA TRANSFORMAR A VIDA DE MENINAS E MULHERES ATÉ 2030

Caminhando para
a escola no distrito
de Moyamba, Sierra
Leone.

Plan International /
Vincent Tremeau





CONTEÚDO

4: PREFÁCIO

DE AGENDA PARA A AÇÃO

6: INTRODUÇÃO

UNIR FORÇAS PARA COM AS MENINAS E MULHERES

8: CAPÍTULO 1

A REVOLUÇÃO EM MARCHA

Uma visão para o futuro	10
Apresentar os parceiros fundadores	12
PERSPECTIVA: Quando investimos nas meninas e mulheres, todos ganham – Katja Iversen, Women Deliver	14

16: CAPÍTULO 2

MENINAS INVISÍVEIS, MULHERES INVISÍVEIS

A necessidade de desagregação	18
Medir o progresso para meninas e mulheres	18
PERSPECTIVA: Os maus dados são piores do que não temos dados? – Mayra Buvinic e Ruth Levine, Data2X	22

24: CAPÍTULO 3

QUE DADOS PODEMOS E NÃO PODEMOS PRODUIR

Dados e direitos humanos	27
Usar dados para reforçar um movimento	30
PERSPECTIVA: A pobreza é sexista; as Metas Globais não deve ser – Eloise Todd, ONE Campaign	32

34: CAPÍTULO 4

MENINAS PARTILHAM SUAS OPINIÕES

Ganhar uma compreensão mais profunda	35
Constatações do País: Nicarágua	36
Constatações do País: Zimbábue	40
Aprender com a pesquisa	43
PERSPECTIVA: Medir as causas de desigualdade de género – Gaëlle Ferrant, Keiko Nowacka e Annelise Thim, Centro de Desenvolvimento da OCDE	44

47: CAPÍTULO 5

UM APELO PARA À AÇÃO

Junte-se ao movimento; há tarefas para cada um	50
--	----

51: ANEXO

AS LACUNAS CRÍTICAS DE DADOS DE GÉNERO IDENTIFICADOS POR DATA2X

52: REFERÊNCIAS

PREFÁCIO DE AGENDA PARA A AÇÃO



Anne-Birgitte Albrechtsen,
Diretora
Executiva da Plan
International,
explica porquê que
a organização tem

o compromisso de uma parceria para garantir que cada menina e mulher deve ser contada e pode ser contada.

O compromisso de não excluir alguém é o cerne da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Como transformar essa promessa em realidade para as meninas e mulheres, foi um tema predominante na 4ª Conferência Mundial sobre Mulheres realizada em Copenhaga, de Women Deliver, em maio de 2016. Esta foi uma das maiores conferências das mulheres da última década – que reúne cerca de 6.000 advogados, ativistas, políticos e profissionais – e um dos primeiros grandes fóruns após a adoção da Agenda para o Desenvolvimento Sustentável.

Vários temas fortes ressoaram por toda a conferência: um sentimento de otimismo, uma renovação de propósitos, e a necessidade de mais e melhores dados para acelerar o progresso. Como Melinda Gates disse isso sucintamente: “Não podemos fechar o hiato de gênero sem primeiro fechar a lacuna de dados.”¹

É por isso Plan International mobilizados a se juntar com sociedade civil e parceiros do setor privado na conferência para lançar uma iniciativa independente para acompanhar as meninas e impulsionar o progresso das mulheres ao longo da vida das Metas Globais de 15 anos.

Os elementos do Projeto Liderança Feminina no Brasil posar para uma ‘autonomia.’

Plan International / Natalia Moura

A visão é simples: um mundo em que melhorou os dados relativos ao sexo facilita as decisões e investimentos que podem transformar a vida de meninas e mulheres até 2030.

Houve forte apelo na Conferência Women Deliver para trazer as Metas Globais para a vida fazendo as coisas de forma diferente, incluindo novas formas de pensar e novas formas de trabalhar em conjunto. A nossa parceria, que reúne organizações de diferentes setores e regiões do mundo, bem como às meninas e movimentos de mulheres, é um passo nessa direção – e assim é este relatório.

De 2007-2015, Plan International tem usado seu relatório anual sobre *Situação Mundial de Meninas* como uma ferramenta de advocacia e uma oportunidade para destacar alguns dos desafios que as meninas enfrentam. Estes relatórios focaliza num tema por cada ano e ajudou colocar as questões das meninas na agenda internacional.

Contar o invisível é uma transição – edifício sobre a fundação da *Situação Mundial de Meninas*, abrindo o caminho para uma série de relatórios inovadores que exploram as

informações dos dados em profundidade, e focalizar-se nos dados severamente, parcerias e na Agenda para o Desenvolvimento Sustentável.

Como a parceria cresce, vamos continuar a dar visibilidade ao invisível de forma mais eficaz usando o que sabemos e para que brilha uma luz sobre o que não sabemos. Vamos trabalhar para tornar os dados e análises que importam para meninas e mulheres à disposição de todos, tendo como alvo aqueles que precisam de dados, comunicar onde o progresso está a ser feito e realçar onde é mais preciso fazer. Vamos trabalhar com organizações de base para garantir que as ferramentas e habilidades estão no lugar para manter vigilante aos governos nacionais para terem em conta os seus compromissos globais.

Durante todo tempo, vamos levantar as nossas vozes sobre os nossos problemas, amplificar as vozes de meninas e mulheres, apresentar dados em primeira mão de que as meninas e mulheres enfrentam barreiras e como suas experiências superam estas barreiras.



INTRODUÇÃO

UNIR FORÇAS PARA COM AS MENINAS E MULHERES

As mulheres colocam plantas no jardim da escola em Koupela, Burkina Faso.
Plan International / Alf Berg



Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ou ‘Metas Globais’ – prometem transformar o nosso mundo até 2030. As metas incluem compromissos para erradicar a pobreza e a fome, combater a desigualdade, melhorar a saúde e educação e combater a mudança climática.

Para cumprir estes objetivos, a dura realidade deve primeiro ser confrontada: a maioria dos objetivos e metas não podem ser medidos ao todo. Como por exemplo, os 14 indicadores que serão utilizados para medir a Meta 5: alcançar a igualdade de género e capacitar todas as mulheres e meninas. Apenas três dos indicadores são regularmente recolhidos na maioria dos países e acordaram metodologias.² Os outros dados estatísticos precisam de mais trabalho e / ou precisam ser recolhidos de forma mais ampla.

O problema persiste ao longo dos objetivos. Menos de metade dos 231 indicadores oficiais têm dados disponíveis a nível global e as normas acordadas e metodologias.³ Isso deve ser abordadas com urgência, porque o progresso para meninas e mulheres não se limita apenas num objetivo. Cada meta deve ser adequadamente medido como cada um direta ou indiretamente relaciona com a vida de todas as pessoas.

Os dados não são a única resposta, mas eles são um ingrediente essencial na criação de mudança transformadora. Pois, dados confiáveis ajuda a descobrir as causas da desigualdade, medir o que funciona e o que não funciona, e determinar onde os programas e políticas podem ter mais impacto.

O sucesso das Metas Globais depende em parte de melhorar a forma como os dados são recolhidos, analisados, divulgados e utilizados. Não existem soluções fáceis ou rápidas. Junto com paciência e persistência, uma revolução de dados de género exigirá um investimento, capacidade, vontade política e demanda pública aumentada. Governos,

academia, a sociedade civil e as empresas todos necessitam de participar ativamente no acompanhamento dos progressos, assegurar a prestação de contas e eliminar o preconceito de gênero.

Contar o invisível: Usar dados para transformar a vida de meninas e mulheres até 2030 explora o estado atual dos dados de gênero. Este relatório identifica algumas das abordagens que serão necessários durante os próximos 15 anos, e introduz uma nova parceria vibrante que Plan International está a liderar.

O **Capítulo 1** descreve uma nova coligação de parceiros unidos pela iniciativa da Plan International para medir e monitorar o progresso de meninas e mulheres em todos as Metas Globais. Apresenta informações sobre seis dos parceiros principais e expõe a visão e a intenção da parceria para tornar a principal fonte de informação para que os governos e outras partes interessadas responsáveis para cumprir seus compromissos com a igualdade de gênero.

O **Capítulo 2** explica o que se entende por “dados de gênero” e porque é importante. Ele explora a necessidade de uma melhor desagregação para expor diferenças e desigualdades entre e dentro dos grupos, e identifica alguns dos indicadores que precisam ser reforçadas, a fim de acompanhar o progresso para meninas e mulheres ao longo dos próximos 15 anos.

O **Capítulo 3** detalha algumas das limitações e desafios registadas na recolha e análise de dados, olha para as questões relacionadas com a ética de dados, a proteção e os direitos humanos, e fornece exemplos de como os dados podem desempenhar um papel na condução da mudança transformadora.

O **Capítulo 4** mostra como a pesquisa qualitativa pode revelar informações valiosas que complementam os dados quantitativos. Explorar as realidades e experiências de meninas que relatam sentirem-se marginalizadas, apresenta os principais destaques de contas da primeira pesquisa e em primeira mão sobre adolescentes na Nicarágua e Zimbábwe.

O **Capítulo 5** apresenta o componente da conclusão deste relatório: **um apelo para a ação** para aqueles que produzem dados para publicar e torná-los fácil de usar, para aqueles que têm dados para usar de forma a realçar a situação de meninas e mulheres, e por aqueles que não os despõem para reclamá-lo. As recomendações específicas são feitas sobre a necessidade para:

- **Acelerar os esforços para reforçar a revolução de dados de gênero.** Avanços em nosso conhecimento atual sobre a vida, e bem-estar de meninas e mulheres são

fundamentais para atingir as Metas Globais até 2030.

- **Investir no reforço de capacidade de sistema estatístico.** Somente com dados robustos e fiáveis a ambição de atingir os mais excluídos e deixar ninguém para trás.

- **Abraçar as diferentes fontes de análise e de recolha de dados.** Será necessária uma gama de informações para assegurar que podemos medir com precisão e responder às experiências e realidades de meninas e mulheres durante os próximos 15 anos.

- **Usar dados e evidências que constroem ação para o movimento.** Dados – não apenas os números, mas também as histórias por trás deles – podem ser ferramentas poderosas nas mãos de defensores de direitos das meninas e das mulheres.

- **Assegurar que a análise e recolha de dados são éticos e fiáveis.** Não só é vital para partilha dados, mas é responsabilidade de todos para manter as pessoas seguras do potencial dano que pode ser causado por uso inapropriado de dados.

Contar o invisível também apresenta as perspetivas dos principais defensores, especialistas de dados e pesquisadores, que fazem comentários sobre o que precisa ser feito e exemplos de como fazê-lo.

Katja Iversen de Women Deliver discute como investir em meninas e mulheres – incluindo o investimento em dados para e sobre eles – é uma das maneiras mais inteligentes para fazer impulsionar o progresso para todos.

Mayra Buvinic e Ruth Levine de Data2X fazem pormenor sobre os problemas de ‘dados inválidos’ e ‘Não há dados,’ concluindo que os dados desclassificados sobre as meninas e as mulheres são muitas vezes mais traiçoeiro do que não despor de dados.

Eloise Todd, da ONE Campaign explora o papel dos dados em defesa eficaz, usando o exemplo da campanha da organização Pobreza é Sexista e os desafios que foram enfrentados por causa dos dados disseminados.

Finalmente, Gaëlle Ferrant, Keiko Nowacka e Annelise Thim da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), Centro de Desenvolvimento descreve como a instituições sociais e Índice de Gênero pode ser usado para controlar alterações em atitudes, percepções e normas, dando o exemplo de um estudo realizado em Uganda, que destaca como as normas sociais e práticas habituais afetar as tendências em casamento precoce das meninas.

CAPÍTULO 1

A REVOLUÇÃO EM MARCHA



Jornalistas apresentadores tomaram parte numa formação em Makeni, Serra Leoa.

Gina Nemirowsky / 10x10act.org

As perspectivas para as meninas e as mulheres têm avançado substancialmente durante as últimas décadas. Poucas meninas e mulheres morrem agora no parto.⁴ Mais meninas estão matriculadas no sistema de ensino.⁵ Taxa de casamento precoce tem reduzido,⁶ e o número de parlamentares do sexo feminino tem aumentado ao longo da última década.⁷ E, a cada dia, novas vozes falam com a energia revitalizada para garantir que meninas e mulheres não são apenas incluídos na agenda do desenvolvimento, mas seus papéis são fundamentais.

Não tem sido um caminho fácil, no entanto, e igualdade de gênero e empoderamento das meninas e das mulheres continua a ser uma promessa não cumprida em muitas partes do mundo. Em 2014, mais de 100 milhões de mulheres jovens em países de baixa e média-baixa renda não podiam ler na totalidade ou parte de uma frase.⁸ Meninas que estão fora da escola são mais propensas do que os rapazes de permanecer excluídas do sistema de ensino.⁹ Mulheres em todas as regiões gastam mais horas do que os homens no trabalho não remunerado, tais como cuidar de crianças, tarefas domésticas – cozinhar e limpar, deixando-lhes com menos tempo para aprender, descansar e cuidar das suas vidas.¹⁰ Em todos os países com dados disponíveis, as mulheres tem menor rendimento que os homens.¹¹

Tudo isso, apesar de acordos internacionais amplamente adotados, tais como a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres, a Declaração de Beijing e Plataforma de Ação, e a Agenda para o Desenvolvimento Sustentável.

Essa agenda, e as Metas Globais embutido nele, incluem uma ambição específica para atingir a igualdade de gênero e capacitar as mulheres e meninas. Há também um reconhecimento explícito de que as contribuições de meninas e mulheres são essenciais para o progresso de agenda no seu todo. Graças aos esforços dos advogados incansáveis, a maioria dos objetivos têm metas e indicadores específicos relacionados com as meninas e mulheres.

Mas que bom, são os objetivos e metas se os esforços para alcançá-los não podem ser adequadamente avaliados?

Embora ganhos consideráveis foram feitos durante as Metas de Desenvolvimento do Milênio era, ao trabalhar para alcançar esses objetivos, os países usam em grande parte as médias nacionais para medir o sucesso. As estratégias para alcançar ampla cobertura, muitas vezes focalizam nas pessoas que eram mais fáceis de alcançar ou cujas situações foram mais facilmente melhoradas. Muita são pessoas mais pobres, pessoas mais difíceis de alcançar e mais excluídos – incluindo milhões de meninas e mulheres – foram deixadas invisíveis e lutam à margem da sociedade.

Ao longo dos próximos 15 anos, a comunidade internacional deve medir o progresso olhar mais do que médias estatísticas. Temos de garantir que ninguém fica para trás, muito menos aqueles que enfrentam grandes desvantagens devido a fatores como sexo, idade, raça, etnia, religião, orientação sexual, deficiência, condição migratória ou econômica.

Isso exigirá abordar uma série de desafios importantes, incluindo a construção de vontade política para fechar lacunas e assegurar o progresso para todos, aumentar a quantidade e qualidade dos dados sobre meninas e mulheres contra a qual para medir o progresso e o reforço das estruturas de prestação de contas para fazer os governos cumprir os compromissos globais.

A igualdade de gênero continua a ser uma promessa não cumprida na maioria das regiões do mundo.

As crianças jogam na água na Colômbia.
Mauricio González

UMA VISÃO PARA O FUTURO

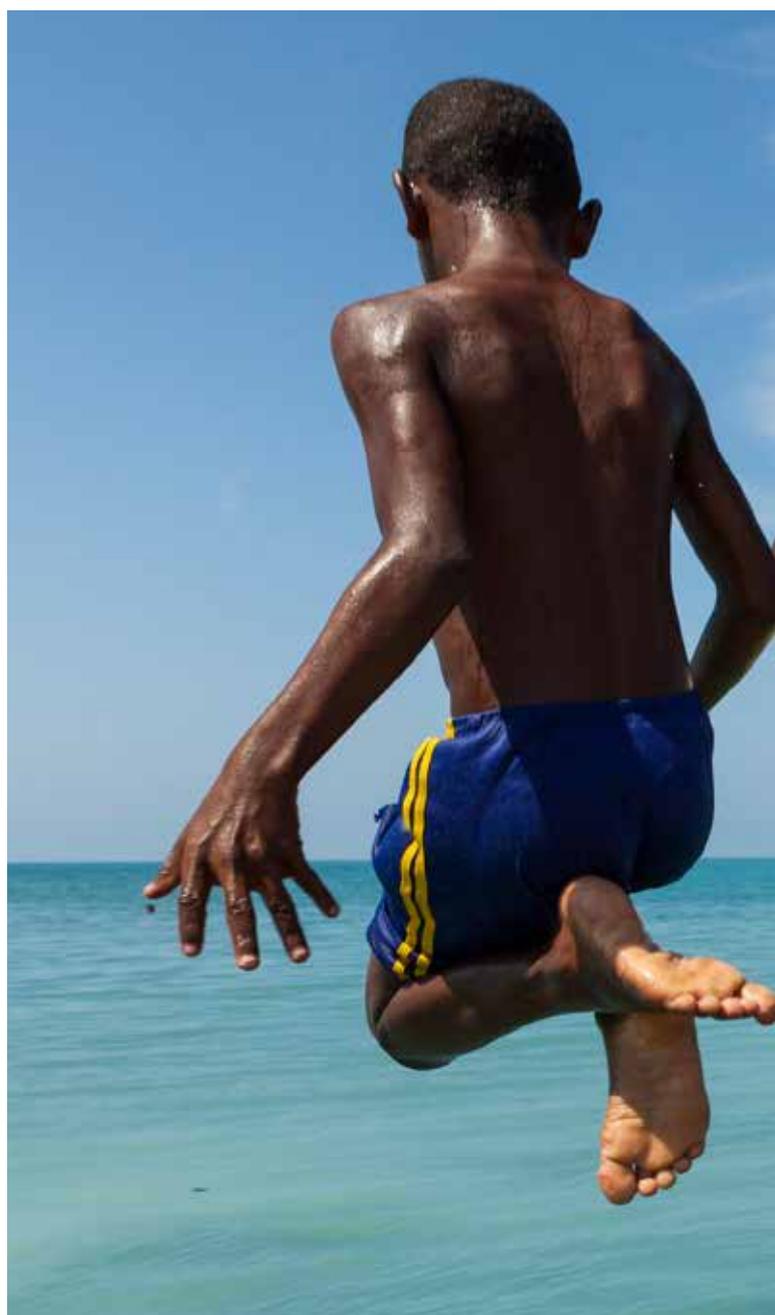
Como contributo para equipa global de seguimento e prestação contas, Plan International está a liderar uma coligação de parceiros para medir o progresso para meninas e mulheres ao longo dos próximos 15 anos. O objetivo desta parceria é produzir um método independente de rastreio, ou “rastrear,” criado para se tornar a principal fonte de informação para advogados, ativistas, governos, parceiros da sociedade civil e outros que trabalham para alcançar a igualdade de género. O objetivo final é para alimentar um movimento para pressionar os governos a cumprir os seus compromissos.

O que torna esta parceria única, além de seu foco específico sobre género, é a gama de experiências e habilidades a ser reunidas a partir de diferentes regiões do mundo e em diversos campos de trabalho. A partir da base para o sector privado, parceiros e doadores foram escolhidas para assegurar a iniciativa é uma voz corajosa, independente e globalmente representativa.

A importância de tais parcerias multi- sectoriais será reconhecida nos finais de Agenda 2030 que apela a uma “parceria global revitalizada para o Desenvolvimento Sustentável, com base no espírito de solidariedade global fortalecida.”¹² Parcerias como esta podem partilhar conhecimentos, experiências e tecnologia e mobilizar recursos financeiros para apoiar a realização das Metas Globais em todos os países.

Para garantir o rastreio é tão útil quanto possível para uma advocacia baseada na evidência e políticas, os parceiros irão elaborar os relatórios, notas conceptuais, visualizações de dados e outros materiais adaptados às necessidades dos dois públicos principais – movimentos da sociedade civil das meninas e mulheres, e decisores políticos.

Estes grupos-alvo foram escolhidos porque as meninas e movimentos da sociedade civil das mulheres, especialmente as organizações de base ou redes, estão melhor posicionados para pressionar os governos para as políticas que são mais



propensas a transformar as vidas de meninas e mulheres. Os decisores políticos, por sua vez, defina as políticas e investimentos que afetam diretamente para que os compromissos para as meninas e mulheres sejam atendidas.

As metas adicionais podem incluir meios de comunicação, o sector privado e as instituições multilaterais como eles também são parceiros valiosos e compartilhar a responsabilidade na garantia de igualdade e meninas e empoderamento das mulheres.

Reconhecendo que muitos outros estão envolvidos na prestação de contas para a consecução das Metas Globais, os parceiros vão se esforçar para trabalhar em estreita colaboração com tantos interessados quanto possível,



incluindo agências das Nações Unidas e os governos nacionais, para assegurar que esforços são complementares, consistente e usar o mais relevante e atualizar os dados.

Além dos esforços oficiais de monitorização de dados das Nações Unidas, os parceiros irão orientar-se pelos dados qualitativos e percepções originais para refletir se mais sobre realidade de meninas e das mulheres. Ao fazer perguntas diretamente de meninas e mulheres, isso irá complementar os dados estatísticos e fornecer evidências mais rico de saber se os governos estão realmente honrar seus compromissos.

Na primeira fase da iniciativa, os parceiros vão apresentar indicadores prioritários selecionados para serem monitorados e fornecer comentários sobre o porquê que cada indicador

é crucial para contar a história de meninas e mulheres. Uma análise será realizada para determinar porquê que os dados oficiais estão disponíveis para acompanhar os indicadores prioritários e onde subsistem lacunas a preencher.

O rastreamento tenciona ser global, mas também permitirá mergulhos profundos, regional e temática específica de cada país. Parceiros irão desenvolver comunicações conjuntas ao nível global e planos de defesa, e vão trabalhar diretamente com os movimentos das meninas e das mulheres em países selecionados para garantir que os resultados, a visão e recomendações motiva os políticos, os governantes e os outros a agirem. Nós também iremos certificar-se a fiabilidade deste dado ao nível dos trabalhar para uma mudança positiva e sustentável ao nível global, nacional e local.

APRESENTAR OS PARCEIROS FUNDADORES

Resultados significativos podem ser alcançados quando atores trabalham em conjunto para objetivo comum. As seguintes organizações já se comprometeram a colaborar com esta importante iniciativa.

data2x^o

partnering for a
gender data revolution

Data2X, uma iniciativa da Fundação das Nações Unidas, é uma plataforma técnica e advocacia dedicada a melhorar a qualidade, disponibilidade e utilização de dados de género, a fim de fazer uma diferença prática na vida de mulheres e meninas em todo o mundo. Motivada pela crença de que não há igualdade de género sem igualdade de dados, Data2X trabalha com agências das Nações Unidas, governos, sociedade civil, académicos e setor privado para suprir as lacunas de dados de género, promover a recolha de dados de género divulgar e equilibrar, e utilizar os dados de género para melhorar as políticas, estratégias e tomada de decisões em prol da igualdade.

Data2X pretende mudar a forma como os dados de género são entendidos, recolhidos e utilizados, por meio de uma combinação de políticas estratégicas e parcerias técnicas para promover o preenchimento de lacunas de dados em cinco domínios de desenvolvimento – saúde, educação, oportunidade económica, participação política e de segurança humana. A revolução dos dados de género é necessário para acompanhar o progresso e, conseguir atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.



INTERNATIONAL WOMEN'S
HEALTH COALITION

Desde 1984, a **Coligação Internacional para Saúde das Mulheres (IWHC)** tomou posições corajosas para promover a saúde e direitos sexuais e reprodutivos das meninas e mulheres, e tem conseguido vitórias políticas para meninas e mulheres no mundo e nas comunidades locais. IWHC constrói pontes entre as realidades locais e da política internacional, relacionar as mulheres e os jovens em toda zona Sul para os principais decisores. Ao fazê-lo, IWHC traz vozes locais para debates globais e, por sua vez, faz com que os processos e políticas mais compreensíveis e viáveis a nível local.

IWHC está profundamente empenhado em ajudar as mulheres jovens se tornam os novos campeões do movimento das mulheres globais. A organização dá jovens feministas as ferramentas e a formação que necessitam para advogar eficazmente com os seus próprios governos e nas Nações Unidas. Através de advocacia e ações práticas, IWHC tem apoiado mais de 200 jovens ativistas de 54 países para se tornarem principais defensores. Por sua vez, esses defensores estão a tomar um papel ativo na promoção de políticas e financiamento de programas eficazes.



KPMG International tem uma longa história de trabalho dentro do setor de desenvolvimento para ajudar os governos, empresas

e organizações da sociedade civil alcançar os seus objetivos. Como líder de serviços profissionais para o setor de desenvolvimento, a empresa traz ampla experiência para indústria na resposta aos desafios de hoje em dar soluções ousadas para atingir os Objetivos Globais para o Desenvolvimento Sustentável.

Neste ambiente cada vez mais complexo, KPMG compreende as oportunidades e as questões relacionadas

com a transparência, a governança, a prestação de contas, gestão de riscos, seguimento e avaliação, e supervisão de projetos, entre outros. Com uma rede global de especialistas para oferecer soluções inovadoras, KPMG aproveita dados e análises para melhorar a tomada de decisão, e desenvolveu ferramentas, tais como a mudança para conduzir visão estratégica e ação.

KPMG tem um profundo apreço pelo impacto transformador do empoderamento das mulheres e meninas. A empresa está engajada em todo o sector público e privado na implementação de soluções e trabalhar em parcerias que visem a criar um mundo mais próspero, resiliente e inclusivo.



ONE é uma campanha e organização para advocacia de mais de 7 milhões de pessoas em todo o mundo para tomar medidas para acabar com a pobreza extrema e doenças evitáveis, especialmente na África. E, fazer *lobbying* junto dos líderes políticos nas cidades ou na realização de campanhas com organizações de base, a campanha de ONE pressiona os governos a fazer mais para combater o SIDA e outras doenças tratáveis evitáveis nos lugares mais pobres do planeta, capacitar pequenos agricultores, ampliar o acesso a energia, e combater a corrupção por isso, os governos são responsáveis perante os seus cidadãos – todo isso tem como o objetivo erradicar a pobreza extrema.

A luta para erradicar a pobreza anda de mãos dadas com a luta para erradicar a desigualdade de género, como os investimentos voltados para meninas e mulheres pagar dividendos no levantamento de todos para sair da pobreza mais rápido possível. Reconhecendo que estes investimentos são fundamentais para acabar com a pobreza extrema, a campanha Pobreza é Sexista visa influenciar os líderes a adotar as políticas e decisões-chave que colocam meninas e mulheres no centro da agenda de desenvolvimento global.



Plan International esforça-se para que haja um mundo justo e de respeito pelos direitos das crianças e da igualdade das meninas. Há mais de 75 anos, a organização tem vindo a construir parcerias fortes para as crianças, e hoje atua em mais de 70 países.

Plan International trabalha com crianças, jovens, patrocinadores e parceiros para combater as causas da discriminação que as meninas enfrentam e todas as crianças vulneráveis. Usando suas conquistas, experiência e conhecimento, a abordagem da Plan International é para impulsionar a mudança nas práticas e políticas que beneficiam as crianças a nível local, nacional e global.

Através da investigação, advocacia e desenvolvimento da comunidade de base, promove os direitos de crianças e dos jovens, que lhes permitem preparar e responder a choques e oposições.

Ao longo de seu trabalho, a organização busca valorizar meninas e acabar com a injustiça contra elas para que elas possam gozar dos seus direitos. Por ser Menina é atualmente uma das mais importantes iniciativa global, um movimento impulsionado da Plan International para assegurar que as meninas em todos os lugares podem aprender, liderar, decidir e prosperar.

WOMEN DELIVER

Como líder global de advocacia para as meninas e saúde da mulher, direitos e bem-estar, **Women Deliver** ação catalisa, reúnem diversas vozes e interesses para impulsionar o progresso, com um foco particular sobre a saúde e os direitos maternal, sexual e reprodutiva.

A organização é reconhecida por estratégias de comunicação e de advocacia impactante, o acesso a pessoas influentes do mundo, a participação em coligações e iniciativas chave e desenvolver as capacidades de jovens e da sociedade civil. Usando paradigmas de plataformas –

conferências, iniciativas e ferramentas de comunicação – Women Deliver traz as melhores ideias para a frente, realça o que funciona e apela a uma ação, reforça a capacidade da sociedade civil para advogar para investir nas meninas e mulheres.



QUANDO INVESTIMOS NAS MENINAS E MULHERES, TODOS GANHAM

POR KATJA IVERSEN, PRESIDENTE E DIRETORA EXECUTIVA, WOMEN DELIVER

Evidência de todo o mundo demonstra o que a experiência nos tem dito há décadas: as meninas e as mulheres são motores do desenvolvimento. Dar-lhes o acesso aos cuidados de saúde, e elas vão transformar as famílias mais solidas. Dar-lhes o potencial para aprender e ganhar, e elas vão transformar as economias mais fortes. Dar-lhes oportunidades, e elas vão apresentar soluções viáveis.

Sabemos que investir em meninas e mulheres – especialmente na sua saúde sexual e reprodutiva e direitos a educação e empoderamento económico e político – está entre as formas mais lucidas para fazer alcançar o progresso para todos.

No entanto, apesar da evidência esmagadora, os decisores têm cometido falhas em incluir e priorizar meninas e mulheres. Elas não têm acesso aos serviços de saúde, enfrentam barreiras à educação, são vulneráveis à violência baseada no género, e enfrentam discriminação quando se procuram o cargo no governo e ao tentar gerir uma propriedade ou conseguir de financiamento para libertar suas famílias da pobreza.

Apesar de tem havido resultados tangíveis do desenvolvimento – incluindo a evolução da paridade de género na sala de aula e redução da mortalidade materna – esforços para realmente assentar o campo de jogo para as meninas e as mulheres ficaram aquém das expectativas. Por quê? Em parte, por causa de uma falta de dados e evidências, o financiamento e o foco orientado para meninas e mulheres. Em parte, também, porque as iniciativas existentes têm sido moroso, e em parte deixa de reconhecer a natureza transversal dos problemas.

É preciso muito mais do que o ingresso de meninas na escola, por exemplo, para aumentar a paridade na educação, particularmente nos níveis secundário e terciário. Ela exige uma abordagem holística que elimina taxas escolares, considera as questões de segurança e restrições de viagem para estudantes em áreas remotas, garantir água e instalações sanitárias separadas por género, combater o casamento precoce, e focalizar-se na qualidade da educação para as meninas são capazes de entrar na economia formal depois de terminar a escola.

Nós precisamos de eliminar a mentalidade discriminatória para que os esforços de desenvolvimento ao longo dos próximos 15 anos ser concentrado na Saúde da Mulher, direitos e bem-estar, e são construídos sobre uma base de colaboração e integração intersectorial.

DELIVER FOR GOOD

Desde 2008, Women Deliver, apoia os países desenvolvidos e continua a realizar campanhas para o investimento nas meninas e mulheres com parceiros, incluindo o Banco Mundial, McKinsey & Company e outros – e este foi o principal foco da 4ª Conferência Global de Women Deliver, realizada em maio de 2016. Articulando o caso de investimento para as meninas e mulheres também é a peça central de campanhas realizadas vários anos – Progredir para o bem – é tema que Women Deliver e seus parceiros lançaram na conferência de 2016.

Investir na saúde, direitos e bem-estar de meninas e mulheres não é apenas a coisa certa a fazer a partir de uma perspectiva de direitos humanos, é também a coisa importante a fazer a partir de uma perspectiva económica. Os governos e os outros atores precisam investir – politicamente, por meio de programação e financeiramente – em meninas e mulheres, porque é assim



Sokhat, 13 anos de idade, joga com suas amigas nos arredores de Siem Reap, Camboja.

Plan International / Richard Wainwright

que vamos atingir as Metas Globais e colher retornos sociais e económicos consideráveis durante as próximas décadas.

Existem muitos modelos positivos que podem ser estimulados e adaptados, incluindo iniciativas água e saneamento às escolas na Zâmbia,¹³ trabalhar para combater o casamento precoce e forçado em Malawi,¹⁴ educar maridos sobre a importância da contraceção em Níger,¹⁵ e melhoria dos cuidados de obstetrícia em Cambodia.¹⁶

Estes são todos os investimentos consideráveis, e os dados têm sido fundamentais para provar o seu valor. Considerando serviços de planeamento familiar: cada um dólar gasto poderia render até US \$ 120 em benefícios,¹⁷ fazer investimentos na área da saúde sexual e reprodutiva e acesso à contraceção é tanto essencial para a saúde das mulheres e bem-estar e de baixo custo.

As mulheres que têm iguais direitos de propriedade e herança ganham aproximadamente quase quatro vezes mais lucro do que aquelas que não têm.¹⁸ Investir em posse da terra e direitos de propriedade seguras das mulheres representa uma outra solução eficaz a longo prazo para fazer impulsionar o empoderamento económico e eliminar a pobreza.

Promover um investimento que irá impulsionar o progresso através de suporte de registo civil e estatísticas vitais: recolha e gestão de dados. Meninas e mulheres são contáveis, por isso devemos contabilizá-las.

Os dados atuais e estatísticas, em grande medida, deixam de incluir as meninas e mulheres adequadamente. Devemos suprir a lacuna de dados do género, a fim de ajudar a descobrir tanto as necessidades, e as oportunidades que surgem para investir meninas e mulheres. Sem dados fiáveis, as

decisões são tomadas com defeito. Ao aumentar a visibilidade das meninas e a vida das mulheres, dados confiáveis pode – se criar os programas e políticas mais eficazes. E através da sociedade civil, dados fiáveis podem contribuir para engajar os governos, outros atores responsáveis e prestadores conta.

As meninas e as mulheres são agentes de mudança poderosa. Com grandes desafios pela frente, o mundo já não pode dar ao luxo de ignorá-las. Devemos contá-las, e conte –las em todos os níveis. Suas vozes precisam ressoar nas famílias, comunidades, sociedades e na esfera do poder.

As mulheres levam muito mais do que bebês. Ou água. Elas carregam famílias. Elas carregam as empresas. Elas carregam comunidades. Elas carregam potencial e soluções. E quando nós contamo-las e investir na sua saúde, direitos e bem-estar, elas levantam país inteiro – e todo mundo ganha. ■

CAPÍTULO 2

MENINAS INVISÍVEIS, MULHERES INVISÍVEIS



Estudantes em Myanmar aprendem técnicas de resposta a desastres e mitigar os riscos das mudanças climáticas.

Plan International

Para muitas pessoas, um toque simples, clique ou keystroke pode revelar detalhes valiosos sobre quem somos, onde vivemos e os tipos de produtos, serviços e experiências que despomos – bem como informações de salva-vidas sobre a saúde ou segurança.

O uso generalista da tecnologia – para melhor ou pior – levou a enormes mudanças na forma como os indivíduos, empresas e governos são capazes de gravar, coletar, armazenar e analisar informações, mesmo que muitos dizem que estamos a viver uma revolução da informação.

Mas a revolução não chegou a todos de forma igual, e milhões de pessoas permanecem invisíveis por causa de falta de dados credíveis e oportunos. Meninas e mulheres estão entre os mais invisíveis, porque alguns dos dados que são coletados não refletem com precisão os desafios específicos que enfrentam – e dados relevantes para suas vidas não são por vezes recolhidos.

Podemos saber quantas meninas estão na escola, por exemplo, mas nós não medimos adequadamente quantos abandonam a escola por diversas razões, incluindo casamento, gravidez, violência sexual, taxas escolares ou a falta de oportunidades de emprego depois da escola. Como podemos esperar para aumentar o acesso de cada menina à educação se não controlarmos alguns dos fatores mais importantes que limitam as suas oportunidades?

A maioria das fontes oficiais coletam os dados apenas sobre meninas e mulheres de 15-49 anos, de modo que muito pouco se sabe sobre os 2 milhões de crianças nascidas e de meninas com menos de 15 anos de idade a cada ano nos país de rendimento médio.²⁰ Mães adolescentes jovens são virtualmente invisíveis pelos decisores políticos. Como podemos entender suas vidas e enfrentar o problema da gravidez precoce, se os números oficiais ignorar a sua existência?

Informações sobre a experiência das meninas e das mulheres e vulnerabilidade à pobreza não estão disponíveis em muitos países.²¹ Enquanto mais da metade de todos os países reportam dados sobre a violência entre parceiros íntimos, variações de qualidade e definições tornam difícil comparar estes resultados de país para país.²² Menos de metade de

Milhões de meninas são invisíveis por causa de falta de dados credíveis e oportunos.

DEFINIR DADOS DE GÉNERO

O termo “dados de género” refere-se a dados que reflitam adequadamente as diferenças e revelam as desigualdades na situação de meninas, meninos, mulheres e homens. Dados relativos ao género pode facilitar a criação de políticas e programas que beneficiam toda a sociedade, e incluem:

- Dados desagregados por sexo e idade
- Dados que refletem as questões de género e desigualdades
- Dados que destacam as realidades e diversidade na vida de meninas, meninos, mulheres e homens
- Dados coletados por meio de métodos e conceitos que respondem por preconceitos de género na classificação e coleção.¹⁹



Em Bangladesh, Chonda, de 15 anos de idade, quer ficar na escola, mas os pais querem que ela se case.
Plan International / Erik Thallaug

todos os países em vias de desenvolvimento têm informações desagregados por sexo sobre o desemprego, a participação na força de trabalho, situação na profissão e emprego, ocupação, pelo menos, dois períodos, entre 2005 e 2014.²³

Há muitas outras lacunas ao nosso conhecimento. Temos pouca informação sobre o acesso das mulheres à proteção social. Temos algumas medições da qualidade e quantidade do trabalho das mulheres, quer seja remunerada ou não, formal ou informal. Muitos países ainda não são capazes de determinar com precisão onde e quando as meninas nasceram, onde e por quanto tempo elas vão à escola, quantas horas as meninas e as mulheres trabalham, são ou não pagas por esse trabalho, se elas sofrem violência, e como, quando e onde morrem.

No período entre 2000-2015, quando os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio estavam em vigor, no máximo, apenas 70 por cento dos dados necessários para monitorar indicadores de base estavam disponíveis para período de cinco anos.²⁴

Esta falta de informação de qualidade, muitas vezes resultam em mau planejamento, tomada de decisão e alocação de recursos.

Com as Metas Globais, nós temos o potencial para fazer melhor. Mas primeiro temos de abordar duas questões fundamentais – preencher as lacunas em que não existem dados e melhorar a qualidade de alguns dos dados que temos.

A NECESSIDADE DE DESAGREGAÇÃO

Os dados desagregados – dividem a informação em subconjuntos menores – é uma forma importante de descobrir diferenças e desigualdades entre os grupos. Os números desagregados de crianças matriculadas, que assistem e completam os diferentes níveis de escolaridade por idade e sexo,²⁵ por exemplo, pode revelar se existem disparidades significativas entre meninos e meninas em diferentes fases de suas vidas.

Os dados desagregados por idade é particularmente importante para distinguir e responder aos desafios específicos que as pessoas enfrentam durante o ciclo de vida. Por exemplo, pesquisas domiciliares definir “idade reprodutiva,” como 15-49 anos de idade, mas para muitas meninas e meninos, a fase sexualmente ativa e reprodutiva de suas vidas começa antes dos 15 anos e se estende para além 49 anos de idade. Para compreender a situação sobre os grupos que são muitas vezes invisíveis, os indicadores devem incluir adolescentes e mulheres com mais de 49 anos de idade.

Os dados desagregados são particularmente úteis em situações humanitárias, onde as meninas e mulheres

enfrentam único risco e vulnerabilidade. Uns 2013 avaliação de indicadores de monitoramento e avaliação usado por 11 agências no sector humanitário constatou que apenas cerca de 2 por cento dos 1.680 indicadores foram desagregados por sexo.²⁶

Há um crescente reconhecimento e tomada consciência do valor sexo- papel e os dados desagregados por idade podem ser uteis desde o início de emergência. Esta informação é vital na identificação de lacunas de proteção, devidamente projetar e orientar as intervenções e avaliar as respostas. Mas a recolha de dados desagregados confiáveis requer recursos que muitas vezes são urgentemente priorizadas para outras partes da resposta humanitária.

Em ambas situações desenvolvimento humanitário e, desagregação também deve ir além da idade e do sexo, como as pessoas não se enquadram em grupos homogêneos e generalizações podem ser enganadoras. Recolher dados desagregados por outras características – tais como etnia, religião, deficiência, localização, estado civil, riqueza, orientação sexual e identidade de género – permite uma análise mais colorida de como sexo e idade interagem com outras características, que às vezes colocam as meninas e mulheres em desvantagem agravada.

Para determinados grupos de pessoas, a exclusão social sistemática resultante de múltiplas e sobrepostas desigualdades restringe severamente suas oportunidades de vida. A exclusão pode ocorrer quando algumas pessoas gozam um *status* ou tem menor valor social do que outras quando as pessoas vivem em lugares que são difíceis de alcançar ou torná-las mais fáceis de ignorar, quando elas são prejudicadas pelo acesso desigual aos bens e oportunidades, ou quando elas são proibidas de ter uma voz em questões que afetam as suas vidas.²⁷ Embora cada uma dessas injustiças tem um efeito, quando elas se sobrepõem e se cruzam umas com as outras, a exclusão social torna-se muito mais difícil de superar.

Sem dados desagregados, será impossível saber se o objetivo não deixa ninguém para trás no cumprimento da agenda 2030. Enquanto objetivo 17 metas específicas que exige desagregação por renda, sexo, idade, raça, etnia, *status* migratório, deficiência, localização geográfica e outras características relevantes, os meios para alcançar este objetivo.

MEDIR O PROGRESSO PARA MENINAS E MULHERES

Os 231 indicadores que formam a base para rever o progresso em direção aos Objetivos Globais ter sido chamado de “última peça que faltava” da Agenda 2030. É claro, porém, que ainda falta muito por fazer para que os indicadores possam ser verdadeiramente para medir o impacto das políticas, estratégias e práticas, especialmente para os mais excluídos.

As agências das Nações Unidas e especialista em indicadores dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis têm dividido os indicadores em três níveis, para que possam ser claros, ter uma metodologia e normas estabelecidas, e ter dados produzidos regularmente por país.

- Nível I, a metodologia e os padrões estão totalmente elaborados e os dados estão disponíveis.
- Nível II, a metodologia e os padrões são elaborados mas os dados são muito escassos.
- Nível III, o trabalho metodológico é necessário para elaborar o indicador, e não há dados disponíveis.

A conclusão do quadro indicador é um início não um fim – apenas 40 por cento dos indicadores estão no nível I; 50 indicadores são categorizados como nível II. Nível III inclui 78 indicadores, que precisam de mais trabalho antes que eles estão prontos para serem utilizados, e 15 indicadores ainda não foram classificados.²⁸

O quadro de indicador terá que evoluir e ser aperfeiçoado ao longo do tempo, com um foco urgente sobre os indicadores que não podem atualmente ser medido de forma adequada. É também importante reconhecer que os indicadores oficiais, não são inteiramente suficientes. Indicadores adicionais, mesmo que eles não são considerados oficiais, será importante para compreender o progresso em metas prioritárias para meninas e mulheres.

Enquanto todos os indicadores oficiais têm um grau de relevância para meninas e mulheres, alguns são mais especificamente aplicável, por exemplo, a proporção de partos assistidos por pessoal de saúde qualificado. Este é considerado um indicador nível I como estão amplamente disponíveis em todas as regiões de dados, com mais de 150 países que forneceram dados entre 2010 e até ao momento. Há também uma metodologia estabelecida que tem sido testado e de acordo com norma internacionalmente acordada, embora muito trabalho tem sido feito para elaboração de uma definição consensual de “assistência ao parto qualificada” que pode ser usada em várias fontes de dados.

Outros indicadores importantes para as meninas e mulheres se encontram em pior forma. A meta 5.1 visa combater todas as formas de discriminação contra mulheres e meninas em toda parte. No entanto, o indicador selecionado para medir isso – “Ou não existe quadros legais em vigor para promover, executar e controlar igualdade e não discriminação em função do sexo” – é classificado como nível III. Isto significa que não temos atualmente nenhuma forma de medir oficialmente se a discriminação contra mulheres e meninas está a diminuir.

Para realçar apenas que alguns trabalhos que temos pela frente, a tabela seguinte apresenta o status de 10 indicadores prioritários.

COMO MEDIR O PROGRESSO PARA MENINAS E MULHERES

INDICADOR	ESTADO
Nível I: Metodologia e padrões elaborados; dados disponíveis	
Proporção da população coberta por pisos de proteção social, sistemas, por sexo, e as crianças distinguidas, os desempregados, idosos, pessoas com deficiência, mulheres grávidas, recém-nascidos, vítimas de acidentes de trabalho, e os pobres e vulneráveis (1.3.1)	<ul style="list-style-type: none"> ● Uma metodologia estabelecida foi testada, e existe um padrão universal. No entanto, a disponibilidade de dados nacional varia de acordo com o tipo de beneficiário, por exemplo, crianças, 109 países; desemprego, 79 países; deficiência, 171 países; velhice, 175 países; mulheres grávidas, 139 países; vítimas de acidentes de trabalho, 172 países. ● Clareza conceitual sobre a definição do "pobre e vulnerável" precisa ser desenvolvida.
Proporção de mulheres em idade reprodutiva, 15-49 anos de idade, que têm a sua necessidade de planeamento familiar satisfeito com métodos modernos (3.7.1)	<ul style="list-style-type: none"> ● Uma metodologia estabelecida foi testada, e existe um padrão universalmente acordado. Estão em curso trabalhos para alargar estimativas e projeções para este indicador de mulheres em idade reprodutiva que são casados ou em união de todas as mulheres em idade reprodutiva, independentemente do seu estado civil ou da união, com base em modelos estatísticos. ● Os dados da pesquisa estão disponíveis para 90 países; dados moldados estariam disponíveis para todos os países.
Taxa de adolescente nascimento, com idades entre 10-14 ou 15-19 anos, por 1.000 mulheres nessa faixa etária (3.7.2)	<ul style="list-style-type: none"> ● Os dados estão disponíveis atualmente apenas para adolescentes de 15-19 anos de idade, no entanto os dados são amplamente disponíveis para este grupo etário. ● O trabalho metodológico está em curso para estimar as taxas de fertilidade para meninas com menos de 15 anos de idade.

Jenny, 7 anos de idade, caminha para a escola na sua pequena vila no Equador.
Plan International / Erik Thallaug



INDICADOR	ESTADO
Nível II: Metodologia e padrões elaborados; dados são muito escassos	
<p>Proporção de mulheres e meninas com idades entre 15 e mais velhos submetidos a violência física, sexual ou psicológica por um parceiro íntimo ou ex parceiro nos últimos 12 meses, por forma de violência e por idade (5.2.1)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Muitos países não têm dados disponíveis sobre a violência por parceiro íntimo, e entre aqueles que produzem, os dados nem sempre podem ser comparados. dados desagregados por idade e tipo de violência pode ser facilmente obtida, mas a desagregação por outras características (tais como deficiência ou etnia) pode ser um desafio para incluir. ● Até à data, apenas cerca de 40 países realizaram mais de uma pesquisa sobre a violência contra as mulheres.
<p>Proporção de mulheres e meninas com idades entre 15 e mais velhos submetidos a violência sexual por outros do que um parceiro íntimo nos últimos 12 meses, as pessoas por idade e local de ocorrência (5.2.2)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Na maioria dos estudos disponíveis sobre a violência contra as mulheres, apenas alguns aspetos da violência sexual são capturados. A violência sexual contra as mulheres por não- parceiros é geralmente definida como forçar alguém a relação sexual quando ela não quer, bem como a tentativa de forçar alguém a relação sexual ou para realizar um ato sexual contra sua vontade. ● Outras áreas importantes da violência sexual, como assédio sexual, tentativas indesejadas para acidente vascular cerebral, acariciar, agarrar ou beijo, e exposição indecente, são menos amplamente recolhidos e medido.
<p>Salário médio por hora dos trabalhadores do sexo feminino e masculino, por ocupação, idade e pessoas com deficiência (8.5.1)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Os dados são regularmente disponíveis para 66 países, mas muitos outros não divulgam-nos regularmente. Alguns países não têm qualquer fonte fiáveis para relatar, e o trabalho deve ser feito para ter os dados estimados. ● A diferença salarial é calculada apenas para trabalhadores remunerados, como dados de rendimento estão normalmente disponíveis para os funcionários. Assim, as disparidades salariais não abrangem um grande número de trabalhadores por conta própria ou empregadores – especialmente no setor informal, onde as diferenças de rendimento entre homens e mulheres podem ser maior. ● O fosso salarial entre géneros também não são recolhidos as diferenças de rendimento entre homens e mulheres que resultam do acesso desigual a um emprego remunerado.
Nível III: Necessita de um trabalho metodológico; os dados não são disponíveis	
<p>Proporção de crianças e jovens: (a) nos graus 2/3, (b) no final do primário, e (c) no fim de atingir, pelo menos um nível de aptidão mínimo no ensino secundário deficiência em (i) leitura e (ii) matemática, por sexo (4.1.1)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● A metodologia foi criada e testada, mas não há atualmente nenhuma modelo internacional acordado- embora o trabalho está em andamento para desenvolver outro modelo.
<p>Seja ou não quadro legal existente que esta em vigor para promover, executar e monitorar a igualdade e não discriminação em função do sexo (5.1.1)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Estão em curso trabalhos para desenvolver e testar uma metodologia e elaborar um padrão que será acordado internacionalmente.
<p>Número de países com leis e regulamentos que garantam a mulheres com idade entre 15-49 anos acesso aos cuidados de saúde sexual e reprodutiva, informação e educação (5.6.2)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Embora não haja uma metodologia sugerida, não foi testada. Não há atualmente nenhuma padrão internacional acordada, mas o processo da sua elaboração está em curso.
<p>Proporção de pessoas que foram vítimas de assédio físico ou sexual, por sexo, idade, estado deficiência e local de ocorrência, nos últimos 12 meses (11.7.2)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Embora já sejam acordadas normas internacionais sobre a medição violência física e sexual por meio de pesquisas especializadas sobre violência e natureza da vítima, não há atualmente nenhuma padrão internacionalmente acordado na medição de assédio físico e sexual. ● Não há dados disponíveis para mediar o assédio.



OS MAUS DADOS SÃO PIORES DO QUE NÃO TEMOS DADOS?

POR MAYRA BUVINIC, MEMBRO SÊNIOR E RUTH LEVINE, CO-PRESIDENTE, DATA2X

Determinadas formas de preconceito de gênero são reveladas na forma como medimos – ou deixar de medir – os aspectos da vida das pessoas. Para muitos dos resultados de desenvolvimento voltadas para nos Objetivos Globais para o Desenvolvimento Sustentável, informações sobre as condições atuais não estão desagregados por sexo, o que exclui a possibilidade de compreender as diferenças de gênero. Para outros, o preconceito de gênero está penetrado no processo de medição. Estes desafios de medição pode ser descrito como questões de “dados” ou “dados falsos.”

OS DADOS QUE NÃO TEMOS

A ausência de informações sobre a vida de meninas e mulheres é um dos problemas que enfrentamos na aplicação de dados de gênero para medir as realizações em todos as Metas Globais. Objetivo 16, por exemplo, fala da importância das sociedades pacíficas e inclusivas e estabelece uma meta de “específica, inclusiva, participativa e tomada de decisão representativa” em tudo os níveis.²⁹ Mas para a maioria

Não ter dados e os maus dados sobre as mulheres e meninas tem dificultado a capacidade de influenciar a política, acompanhar o progresso, responsabilidade e demanda.

dos países do mundo, não há fontes de dados que medem diferenças entre masculino e participação feminina nas organizações da sociedade civil, ou na assessoria local ou órgãos de decisão. Este é apenas um exemplo em que provavelmente compreender as condições atuais e progresso de forma diferente se os dados, foram possíveis distinguir entre mulheres e experiências dos homens.

A falta de dados – particularmente sobre temas que se relacionam com a vida de meninas e mulheres – tem consequências graves quando se trata de políticas e programas. Por exemplo, dados limitados sobre o trabalho doméstico não remunerado alimentou o mito de que as donas de casa têm tempo livre disponível para outras intervenções de formação e desenvolvimento. Há muitos exemplos de projetos concebidos nesta premissa falsa, que viram a altas taxas de desistência de participantes do sexo feminino como um resultado.³⁰

Para determinar o escopo dos dados em falta, Data2X revistos e mapeou áreas globais, políticas relevantes para as quais não havia dados sobre a vida de meninas e mulheres a partir de 2013 (*ver anexo para uma listagem*).

MAUS DADOS VS. BONS DADOS

A falta dados é grave, uma vez que contribui na tomada de decisões de política sem risco. Mas ter dados abaixo do padrão é muitas vezes mais traiçoeiro, especialmente quando os dados sistematicamente estão longe da realidade de tal forma que as mulheres parecem ser mais dependentes e menos produtivas do que realmente são.

As pesquisas são frequentemente concebidas de forma que reproduzem normas tradicionais de gênero e minimizar ainda mais o papel da mulher na família e na vida econômica. Por exemplo, muitas pesquisas socioeconômicas e agrícolas das

famílias são construídas usando a cabeça (macho) de agregado familiar como o abrigo para a família, e outros membros da família são definidos em relação à cabeça (masculino). A suposição de que os homens são mais frequentemente os chefes de família – uma visão explicitamente afirmada em muitas instruções do módulo de pesquisa, e realizada por entrevistadores e entrevistados igualmente – sobre isto mulheres que cumprem esse papel.

Se o número de agregados familiares é liderada pelas mulheres, estas famílias correm o risco de serem excluídas na distribuição dos recursos produtivos e podem receber menos benefícios dos programas de combate à pobreza, especialmente aquelas que visam atingir o chefe da família. Na base de dados rural do Banco Mundial de 6 países que compõem mais de 40 por cento da população da África subsaariana, por exemplo, os agregados familiares agrícolas chefiados por mulheres tinham menos acesso a fertilizantes e outros insumos agrícolas do que os chefiados por homens, teriam menos probabilidade de ter recebido o crédito agrícola e menos propensos a ter sua própria terra para prática agrícola.³¹

Os inquéritos sobre força de trabalho também pode reforçar estereótipos do sexo-papel: o homem como chefe de família, a mulher como dona de casa. Essas pesquisas muitas vezes perguntam apenas a cerca de principal atividade econômica de uma pessoa. Ao realiza-lo subestimam a contribuição econômica das mulheres, para quem paga o trabalho muitas vezes considera como uma ocupação secundária, por considerar a “dona de casa” a atividade principal. Como resultado, os decisores que dependem dessas pesquisas têm pouca compreensão de como é que as mulheres têm valor acrescentado na economia.

Acima de tudo, uma boa prova é que



Mais, um refugiado da Síria, joga em um espaço amigo da criança em Alexandria, Egito.
Plan International / Hassan Amin

meninas e mulheres despõem de alta qualidade. É confiável, válido e representativo, e livre de preconceitos de gênero. Boa evidência também tem uma boa cobertura, incluindo a cobertura e produção regular ao nível do país, e é comparável entre países em termos de conceitos, definições e medidas.

Há duas características desejáveis primárias de boa evidência: “complexidade,” o que significa que dados de diferentes domínios em meninas e as vidas das mulheres – tais como saúde e emprego – podem ser cruzados e uma tabulação cruzada; e “granularidade,” em que os dados podem ser desagregados em unidades menores por raça e etnicidade, idade, assim como a zona geográfica.

A OPORTUNIDADE

Quando não houver dados e os maus dados sobre as mulheres e meninas tem dificultado a capacidade de influenciar decisões política, acompanhar o progresso, responsabilidade e prestação de contas. Os dados podem ser ferramentas poderosas nas mãos de defensores dos direitos das mulheres. Os avanços mais notáveis na igualdade de gênero e direitos das mulheres têm sido na educação e na saúde sexual e reprodutiva, ambas as áreas onde os melhores dados estão disponíveis.

Enquanto isso, as áreas sem dados, tais como o trabalho não remunerado, ou dados baixa qualidade, como a participação econômica, constatou se menor progresso.

Para cada exortação política sobre a importância de melhorar a sorte de meninas e mulheres, precisamos de informações específicas por sexo sobre áreas onde os dados de gênero têm sido historicamente indisponíveis – trabalho, segurança pessoal e liberdade e proteção contra danos ambientais – bem como as diversificadas informações disponíveis em saúde e educação.

Nada disso será fácil, mas tudo isso é essencial para realizar o potencial das Metas Globais. ■

Nota: Este conteúdo é um trecho adaptado de um artigo publicado na Significance Magazine, em Abril 2016

CAPÍTULO 3

QUE DADOS PODEMOS E NÃO PODEMOS PRODUZIR



Fuseima caminha com água do rio na alta região no leste Gana.

Plan International / Nyani Quarmyne

Usar criteriosamente, os dados pode ser uma forma particularmente eficaz para explicar o mundo ao nosso redor, mas também há limitações e desafios.

Os dados por si só não pode mudar o mundo. A disponibilidade de bons dados de gênero e análise pode ajudar os governos, o sector privado e defender a sociedade civil a favor e implementar políticas e programas de gênero transformador – e medir a sua eficácia. Mas simplesmente ter a informação não levará automaticamente para melhores escolhas de políticas e programas, ou para uma implementação mais eficaz. Claramente, há outras restrições à definição de políticas para além da falta de informação, mas não limita a falta de vontade política para transforma as desigualdades de gênero e normas sociais.

A análise dos dados pode, no entanto, levar ao conhecimento que pode contribuir na tomada de decisões e processos de mudança, revelando introspeções, identificando necessidades e avaliar o que funciona e o que não funciona. Qualidade, relevância e disponibilidade de dados fornece a sociedade civil as evidências necessárias para desafiar as prioridades ou ações de governos e outros decisores para alarmar e exigir mais.

É mais fácil ignorar um problema quando há pouca evidência de como é difundido ou como afeta profundamente as pessoas. É por isso que é tão importante ter dados quantitativos e qualitativos precisos e relevantes que captam as realidades de meninas e vida das mulheres.

Os dados podem contar histórias, porque por trás de cada estatística é uma vida. Temos de fazer um trabalho melhor de captar, ouvir e responder a essas histórias e usá-las para assegurar que os mais excluídos não continuam a ficar para trás.

Coleta de dados falsos e análise podem nos levar a conclusões equivocadas. Às vezes, mesmo com as melhores intenções, resultados de dados podem ser torto porque os dados são tendenciosos ou aqueles que recolhem e analisam dados são tendenciosos. Os bons dados de gênero garantem que os conceitos, definições e métodos utilizados na recolha e análise refletem com precisão vidas reais e evitar esguelhas, tanto quanto possível.

Um exemplo de projeto de pesquisa que pode levar nos os

resultados tendenciosos é a forma na qual as pesquisas domiciliares são geralmente dirigidas a um indivíduo, que representa o “chefe de família” e é responsável por responder questões relevantes para toda a família e as pessoas que dependem dele.

Em vários contextos, é assumido automaticamente que esta pessoa é um homem e não uma mulher, e mais velhos em vez de mais jovem. Mas em alguns casos, um homem pode saber pouco sobre os detalhes da realidade diária da mulher, e vice-versa, de modo que as respostas não podem dar a imagem completa.

Entrevistar individualmente todos na casa, é claro, têm enormes implicações logísticas e de custo. Mas há outras formas de evitar o preconceito de gênero, por exemplo, assegurar entrevistadores do mesmo sexo e entrevistados para perguntas que podem ter fortes desvios particularmente entre os sexos.

Mesmo o uso de ‘agregado familiar’ como uma unidade de medida, definida vagamente como um grupo de pessoas relacionadas ou não vivem sob o mesmo teto, coloca desafios para a coleta de bons dados de gênero famílias chefiadas por mulheres e estruturas familiares complexas, como os casamentos informais ou polígamas, podem ser obscurecida, como questões puder sobre se as mulheres participam igualmente na tomada de decisões sobre a alocação de recursos do agregado familiar, incluindo os seus próprios rendimentos e heranças. Além disso, pesquisas domiciliares, muitas vezes não incluem as pessoas que vivem fora das famílias “típicos”, ou que estão desabrigadas ou desalojadas.

Na mesma linha, inquéritos sobre trabalho muitas vezes dificulta se para recolher dados sobre os diferentes papéis e expectativas de homens e mulheres no que diz respeito à família, a vida doméstica, e participação no trabalho e atividades sociais. Contribuições económicas das mulheres pode ser rejeitado ou não contabilizado por causa de como “produtivo” de trabalho está definida ou interpretada. Embora o tempo gasto cozinhar, limpar e cuidar de crianças, doentes e idosos, fazendo tarefas domésticas ou fazem trabalho comunitário voluntário é difícil de medir, estas atividades devem ser consideradas como trabalho produtivo – e levadas em consideração nas decisões política.

A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA SOBRE DESIGN

Os resultados estatísticos pode depender da forma como as perguntas são feitas e para quem elas são convidados, como revelou a experiência na Tanzânia em 2010.

Quando fiz uma pergunta simples – “Você fez qualquer trabalho nos últimos 7 dias, mesmo por uma hora?” – As mulheres tendem a relatar níveis mais baixos de emprego. Mas quando elas foram feitas perguntas detalhadas sobre uma lista de atividades que são consideradas “trabalho,” os seus níveis relatados de emprego foram maiores.

Quem respondeu a uma pergunta também teve uma influência nos resultados. Os níveis de emprego foram maiores quando os homens foram convidados a relatar a sua principal atividade do que quando alguém na família explicou ao seu nome.³²

Da mesma forma, quando as perguntas de rastreios pormenorizados foram usados em Uganda, a ampla

participação económica foi realçada.

Num inquérito em 1992-1993, os entrevistados tinham a opção de gravar o seu estatuto de primeiro emprego como “inativo” por razões como “tarefas domésticas,” “estudante” ou “velho demais ou jovem para trabalhar.” Muitos daqueles que relataram uma atividade “não económico,” como o seu estatuto de primeiro emprego também relataram uma atividade económica como o seu estatuto de emprego secundário. Muitos dos inquiridos que na verdade eram considerados tais atividades económicas economicamente ativas como secundárias a outras atividades não económicas que desempenham – como ir à escola ou cuidar de membros da família – e, portanto, foram classificados ironicamente.

Expandir análise para cobrir atividades secundárias aumentou a percentagem de ugandenses em idade ativa na força de trabalho de 78 por cento para 87 por cento, uma diferença de mais de 700.000 pessoas.³³



Lieu, 14, faz o chá na sua casa no Vietnã.

Plan International / Erik Thallaug



As crianças brincam no balanço num centro de crianças refugiadas no norte de Uganda.
Plan International

Os dados devem ser apresentados no contexto. Números por si só não podem revelar a história completa. As realidades de meninas e vida das mulheres podem ser mascarada se os indicadores qualitativos e quantitativos não são analisados de forma combinada e holística.

Por exemplo, os dados podem existir no número de meninas que têm acesso ao transporte público numa determinada cidade, mas pode não haver dados sobre opiniões de meninas sobre se este meio de transporte é seguro ou não. Se as meninas não se sentirem seguras andar de autocarro ou a pé a distância que é preciso para apanhar o autocarro, em seguida, o número de meninas que têm acesso ao transporte público tem pouco significado prático.

Da mesma forma, o tempo de pesquisa pode complementar estudos sobre o trabalho, mostrar diferenças na forma como as pessoas alocam seu tempo. Estas pesquisas perguntam aos entrevistados para relatar todas as suas atividades durante um determinado período de tempo e quanto tempo

eles gastaram em cada atividade. Eles podem revelar informações valiosas sobre o trabalho não remunerado e pago, equilíbrio entre vida profissional, tempos individuais gastos para investir na educação e saúde, e onde podem existir desigualdades dentro da família e entre famílias.

DADOS E DIREITOS HUMANOS

Na ambição para de achar maior conhecimento e informação e partilha com os decisores, é imperativo ter em vista o fato de que a maioria dos dados são sobre pessoas, e as pessoas têm direitos.

Mesmo que nós lidarmos com grandes lacunas nos dados oficiais, mais dados estão a ser gerados a partir de fontes “passivos”, muitas vezes recolhidos sem qualquer interação do usuário evidente. Em grande parte estão ligados ao uso das tecnologias digitais, como *smartphones* e da *internet*, as informações recolhidas desta forma podem incluir dados sobre a localização de um usuário, quanto tempo gastam em

Mahesh agarra a sua filha Mohini em Uttar Pradesh, onde a proporção de meninas sobre rapazes está entre as mais baixas da Índia.
Plan International Holanda



uma página web, que aplicativos instalam, e em quais *links* elas seguem, juntamente com muitos outros.

Se foram recolhidos ativa ou passivamente, algumas informações poderia colocar as pessoas em risco, se os dados sobre a sua localização, movimentos, gostos, desgostos, interações sociais, estado de saúde, orientação sexual ou identidade de gênero são tornados públicos, com más intenções. Os danos também podem ser causados involuntariamente, mas ainda pode levar a constrangimento público, isolamento social, discriminação, questões de segurança ou o pior.

Enquanto os direitos do indivíduo deve ser equilibrado com benefícios para a comunidade em geral, é preciso haver um alto grau de confiança e responsabilidade para que as pessoas se sintam confiantes ao consentir ter dados sobre eles, utilizados para o bem social, tais como rastreio de padrões de doença ou revelar as desigualdades sociais.

Com base no Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para a abordagem de direitos humanos para a recolha de dados e de utilização, os seguintes princípios são essenciais para garantir que a revolução de dados respeita os direitos humanos.³⁴

Participação: Todos os esforços de recolha de dados deve incluir a forma como as partes interessadas livremente e de forma ativa e significativamente participar, com um enfoque particular nos grupos de pessoas mais vulneráveis e excluídas. Uma abordagem participativa pode melhorar a relevância e a fiabilidade de coleta e análise de dados.

Desagregação: Desagregar os dados em subconjuntos menores permite comparações entre diferentes grupos populacionais, que podem ajudar a revelar a extensão de possíveis desigualdades e discriminações. A falta de dados desagregados podem ocultar disparidades subjacentes dados desagregados deve ser publicado em um formato que permite a clareza de varias interseção disparidades e discriminação.

Auto-identificação: Respeitar e proteger a identidade pessoal são fundamentais para a dignidade humana e os

direitos humanos. O princípio fundamental dos direitos humanos “não causar danos” deve ser sempre aplicado, incluindo na recolha e análise de dados. Recenseamentos, inquéritos à população e estatísticas vitais não devem criar ou reforçar a discriminação existente, preconceitos ou estereótipos contra os grupos se população, sobretudo ignorar suas identidades

Transparência: As estatísticas desempenham um papel fundamental na sociedade democrática e honra o direito de informação pública uma população, bem como fornece informação útil para o governo.³⁵ Os dados devem ser divulgados o mais rápido possível após a sua coleta. A sua disseminação deve estar em linguagem e formato acessível, tendo em conta deficiência, a língua, os níveis de alfabetização, formação cultural e outras características da população. A sociedade civil deve ser capaz de publicar e analisar estatísticas sem medo de represálias. E, por uma questão de credibilidade, as estruturas jurídicas, institucionais e políticas sob as quais principais estatísticas nacionais e sistemas estatísticos operam devem estar abertos e disponíveis.

Privacidade: O acesso à informação deve ser equilibrada com os direitos à privacidade e à proteção de dados. Dados pessoais – incluindo, não limitando os dados sobre etnia, orientação sexual, identidade de gênero ou estado de saúde – devem ser manuseados somente com o consentimento expresso do indivíduo em causa. Os dados recolhidos para produzir informação estatística deve ser estritamente confidenciais, utilizados exclusivamente para fins estatísticos e regulamentada por lei. Os dados não devem ser publicados ou acessíveis ao público de uma forma que permita a identificação das pessoas em causa, direta ou indiretamente. Os dados devem ser protegidos contra ambos os perigos naturais e humanos, e excluído quando não é mais necessário.

Prestação de contas: Estatísticas independentes, livre de interferências políticas, são ferramentas fundamentais para informar e manter aqueles em contas de energia. Colocando dados recolhidos de volta nas mãos dos cidadãos e reforçar a sua capacidade de utilizar os dados são essenciais para a prestação de contas.

USAR DADOS PARA REFORÇAR UM MOVIMENTO

Bons dados e análise de levar a informação de que os governos podem usar para decidir quais são as questões urgentes. Eles também lançam bases sólidas para advocacia, influenciar e persuadir os decisores sobre questões que não tomaram como prioridade.

Por exemplo: esforços de lobbying comum durante muitos anos levou o Governo de Kiribati, uma pequena nação insular no Oceano Pacífico, para realizar seu primeiro estudo sobre a violência contra mulheres e crianças, em 2008. Antes deste estudo, a violência baseada no gênero foi considerada uma questão a ser tratada no privado. Não há políticas ou leis relacionadas com a violência contra meninas e mulheres, a igualdade de gênero ou a condição das mulheres e procedimentos da polícia para responder à violência contra as mulheres e falta de transparência e prestação.³⁶

Os resultados do estudo, que foram lançados em 2010, revelou a extensão chocante do problema em Kiribati : quase 70 por cento das mulheres sempre reportam que terem sido vítimas de violência física e / ou sexual por um parceiro íntimo.³⁷ Em divulgar os resultados, o governo demonstrou profunda preocupação e exortou as pessoas em todo o país a desafiar a ideia predominante de que a violência doméstica acontece a portas fechadas e é uma parte aceita da vida cotidiana.

Esta nova informação deu ao governo, organizações da sociedade civil, agências das Nações Unidas e os doadores internacionais o combustível de que precisava para começar a fazer algumas mudanças legais e sociais significativas.

Em 2012, o governo aprovou a Lei da Paz Familiar para a violência doméstica e realizou formações para policiais, autoridades escolares, conselheiros e provedores de saúde e prestadores de serviços sociais sobre como implementar essa lei. Os currículos nacionais de educação foram reformados para ensinar as crianças sobre relações de respeito, igualdade de gênero e prevenção da violência. Os professores aprenderam como aconselhar estudantes que

sofrem violência. A sociedade civil, homens e rapazes na advocacia contra a violência baseada no gênero.

Como resultado, os defensores dizem que a consciência dos efeitos da violência sobre meninas e mulheres estão a aumentar. Serviços gratuitos são fornecidos aos sobreviventes de violência sexual e com base gênero – incluindo uma linha direta gratuita 24 horas – e unidades da polícia foram criadas para lidar com a violência doméstica e garantir segurança ao nível das comunidades.³⁸ Como ilustra este exemplo, os dados podem ser uma força poderosa para a mudança de políticas.

Os dados também podem ajudar a descobrir e resolver os problemas que surgem a partir de atitudes e crenças profundamente arraigadas. Na Índia, por exemplo, o censo de 2011 levantou alarmes sobre a proporção de meninas para meninos nos recém-nascidos a faixa etária de 6 anos de idade, desde o censo anterior. Para cada 1.000 meninos, havia apenas 919 meninas.³⁹ Em alguns estados, a proporção era tão baixa de 846 meninas para 1.000 meninos.⁴⁰

A campanha de promover nascimento de meninas, liderado por Plan International Índia e outros em movimento pelos direitos das meninas, usaram estes números para desafiar a tendência de seleção baseada no gênero e de apoio às famílias e comunidades para garantir que suas meninas podem sobreviver e prosperar.

Ao longo de três anos, a campanha atingiu cerca de 1,2 milhões de pessoas nos 12 distritos com menor proporção de meninas em relação aos rapazes.⁴¹ As populações de vilas foram incentivadas a celebrar o nascimento de suas filhas, as meninas de famílias pobres foram oferecidas bolsas de estudo, e as organizações de base comunitária realizam teatro de rua, comícios, debates, concursos de cartazes e discussões interativas.

O impacto da campanha está a ser visto sob a forma de aumento de registo de nascimento, maior consciência dos direitos das meninas, mais meninas vão e concluem a escola, e um aumento de casos apresentados contra clínicas que fazem abortos sexo-seletivo.

ACABAR COM CASAMENTO PRECOCE EM GUATEMALA



Ativistas jovens do município Carchá ajudaram a aumentar a idade legal do casamento na Guatemala.
Plan International

Até os tempos recentes, era legal para uma menina na Guatemala se casar aos 14 anos, com o consentimento de um dos pais ou um juiz. Esta disposição legal, juntamente com a pobreza, as normas discriminatórias de gênero e falta de acesso à educação, estimula milhares de casamentos de precoce a cada ano.

O casamento precoce é uma violação dos direitos fundamentais de uma menina e age como uma barreira ao progresso porque priva a sociedade do potencial e da inovação que as meninas possuem. Muitas vezes vivem em isolamento, dependentes de seus maridos e com pouco acesso a saúde, educação ou proteção contra a violência e abuso.

Através de sua iniciativa global Por ser menina, Plan International Guatemala, em coordenação com um grupo de parceiros, tomou medidas para fazer campanha para uma mudança na lei para aumentar a idade mínima do casamento para meninas e meninos.

Dados sólidos desempenhou um papel importante na estratégia de advocacia com a sociedade civil usando evidências sobre a prevalência de casamento precoce e seus impactos na vida das crianças, bem como uma análise das leis maias tradicionais, para influenciar com sucesso legisladores e reduzir a oposição à reforma. O parlamento aprovou a nova lei em agosto de 2015, o aumento da idade mínima de casamento a 18 para meninas e meninos.

As meninas foram importantes agentes da mudança e uma parte integrante da campanha. “Quando eu ouvi que tinha sido aprovado a nova lei, senti tanta felicidade porque eu tinha ajudado a fazer isso acontecer,” disse Mayra, um jovem ativista do município de Carchá. “Eu recolhi assinaturas e era parte de uma equipe de pessoas que tinha trazido sobre a mudança. Eu me senti tão orgulhoso.”

Mas Mayra e outros ativistas reconhecem que a lei é apenas o começo, e seu trabalho está longe de terminar. Os dados, evidência e advocacia ainda serão necessários para medir o progresso, promover o conhecimento da lei e derrubar crenças tradicionais para garantir que o casamento precoce tornar-se uma coisa do passado.



A POBREZA É SEXISTA; AS METAS GLOBAIS NÃO DEVEM SER

POR ELOISE TODD, DIRETORA DE POLÍTICA GLOBAL, ONE CAMPAIGN

Em 2014, começou a notar que em todas as áreas políticas fundamentais ONE trabalha – agricultura, saúde, nutrição e desenvolvimento económico – mulheres e meninas foram mais afetadas pela pobreza. Esta observação foi apoiada por evidência crescente com base em pesquisas e o que se assistiu na África.

Em 2015, nós iniciamos a nossa campanha Pobre é Sexista com um relatório inaugural,⁴² com a premissa de que as mulheres e raparigas nos países mais pobres são atingidos pior e mais difícil pela pobreza, mas quando nós estrategicamente investirmos nas mulheres e meninas, todo mundo é empurrado para sair da pobreza de forma mais rápida.

Como uma campanha global e organização de defesa com mais de 7 milhões de membros em todo o mundo, um é dedicado a tomar medidas para erradicar a pobreza extrema e doenças evitáveis, especialmente na África. Nós pressionamos os líderes políticos e executamos a campanhas de base para obrigar os decisores a fazerem mais para combater a SIDA e outras doenças tratáveis evitáveis nos lugares

Bons dados são indispensáveis para demonstrar que os governos não estão a prestar conta ao seu próprio povo.

mais pobres do planeta, para capacitar pequenos agricultores, para expandir o acesso à energia e ao combate a corrupção pois que, os governos são responsáveis perante os seus cidadãos.

Como vimos vezes após vezes, a advocacia eficaz é construído sobre a política sólida requer que sejam elaborados, identificados claramente – e revistas – a mudanças desejadas. Os dados de qualidade são essenciais para identificar onde a mudança é mais necessária e onde os investimentos terão o maior impacto. As ações de advocacia sobre a base de dados de boa qualidade oferece uma base de evidências para suportar os nossos argumentos e de forma ideal, uma prova de que as políticas e os investimentos para os quais estamos advogar vão produzir efeitos imediatos.

OS DESAFIOS DE DADOS DISPERSOS

Sabemos que a pobreza é sexista. Meninas e mulheres em todo o mundo estão a ser deixados para trás, e ONE acredita-se que até que algo seja feito para trazê-las a luz do dia é que sentimos a pele os resultados de desenvolvimento. No entanto, os dados para fazer atualizações destas afirmações são, em alguns lugares, fracos.

O relatório inicial sobre *Pobreza é Sexista*, publicado em 2015, estabelece o argumento de por que as meninas e as mulheres devem estar no centro da luta de erradicação da pobreza extrema. Ele chama atenção para colocar no centro de agenda de desenvolvimento, meninas e mulheres melhor o investimento para capacitar meninas e mulheres em todo o mundo para retirarem elas mesmas suas famílias da pobreza.

O relatório analisa os desafios e as oportunidades das mulheres de

países de baixa renda, enfrentam em diferentes áreas, incluindo a agricultura, saúde e educação; financeira, jurídica e empoderamento económica; e o acesso à energia e tecnologia. Embora colocar os relatórios conjuntos, foi incrivelmente difícil encontrar conjuntos de dados grande o suficiente para fornecer informações sobre como as mulheres em todo o mundo estavam sobressair. Nós também tivemos um tempo difícil de encontrar dados que iluminam as oportunidades que surgem para as mulheres quando elas são os beneficiários do aumento do investimento.

Por exemplo, quando se olha para os benefícios do aumento do acesso das mulheres à energia no mundo em desenvolvimento, ONE citou um estudo de caso 2007 de África do Sul. O estudo descobriu que o emprego das mulheres aumentou 9,5 por cento no benefício da eletricidade.⁴³

No entanto, não existem dados sobre os impactos específicos de acesso a eletricidade na vida dessas mulheres foram coletados para o estudo na África do Sul. E não havia conjuntos de dados em grande escala sobre o impacto do acesso à eletricidade para as mulheres em países de baixa renda. Para fornecer um quadro mais completo e correlacionar adequadamente o acesso à eletricidade com taxas de emprego mais elevadas, precisamos de maiores conjuntos de dados, tanto em termos de geografia e incluindo medidas de atividades domésticas.

A edição de 2016 da *Pobreza é Sexista* inclui um índice em que ONE tenta determinar os lugares mais difíceis do mundo para nascer uma menina.⁴⁴ Olhamos para uma variedade de indicadores para criar este índice, tendo em conta algumas das maiores ameaças



Meninas adolescentes no Níger, que ONE classificou como o lugar mais difícil para nascer uma menina no seu relatório de campanha 2016 sobre Pobreza é Sexista.

Plan International / Olivier Girard

e oportunidades que uma menina pode enfrentar durante a sua vida.

O índice não foi concebido para ser abrangente. Na verdade, devido à falta de dados disponíveis, encontrando até sete indicadores para o índice foi um desafio enorme. Nós escolhemos os indicadores que serviram como um guia razoável para uma menina na vida, através de sua saúde e nutrição, oportunidades educacionais e económicas, e capacidade de participação política.

No entanto, o fator determinante para estes indicadores foi a disponibilidade de dados. Os indicadores selecionados tiveram vastos dados disponíveis, mas eles não eram universais e, em última análise, necessárias, tendo lacunas de dados em consideração.

Outras organizações têm enfrentado desafios semelhantes. O Fundamento do relatório mundial sobre Fome 2015 analisou o conjunto mínimo de indicadores de género das Nações

Unidas publicados estabelecidos em 2013 como um guia para a produção de estatísticas nacionais do género e descobriu que mais da metade dos 52 indicadores quantitativos média poucos países tem em falta a partir de 1990-2013.⁴⁵

BONS DADOS FACILITA UMA ADVOCACIA EFETIVA

A campanha a Pobreza é Sexista é impulsionada e realizada por ONE com fundamento de que do que os bons dados são a base de uma forte advocacia: é necessário identificar não só quais são os problemas, mas onde existem as lacunas em curso, e necessário para mostrar com precisão doadores o potencial impacto de seus investimentos.

Bons dados também são indispensáveis para demonstrar que os governos não estão a prestar conta ao seu próprio povo, especialmente as mulheres e meninas. Esta informação deve estar disponível para as mulheres no Níger, Somália, Mali, República

Centro Africano, Iêmen e na República Democrática do Congo – os seis países, de acordo com nosso índice, onde é mais difícil de nascer uma menina. Colocar dados de qualidade nas mãos de mulheres, ativistas e líderes desses países lhes permitirão apresentar argumentos fortes para seus governos para melhor prestação de serviços e apoio.

Os dados também apoia as organizações da sociedade civil para responsabilizar os governos, tanto em países de baixa e alta renda, responsável para entregar resultados e demonstrar o progresso em todas as áreas do desenvolvimento.

Para resolver a crise de dados sexista, precisamos agilizar uma abordagem que traz visibilidade aos desafios específicos enfrentados por meninas e mulheres. Em particular, isto requer a priorização da recolha de dados sobre o trabalho não remunerado doméstico, juntamente com a desagregação de todas as estatísticas relevantes. ■

CAPÍTULO 4

MENINAS PARTILHAM SUAS OPINIÕES



Meninas num abrigo em Nicarágua que está a trabalhar para reduzir a violência e gravidez na adolescência.

Plan International

Um dos maiores compromissos das Metas Globais é que a vida de milhões de meninas poderia ser transformada positivamente dentro de 15 anos.

As mudanças transformadoras começam com a compreensão dos desafios e as principais causas de desigualdade e exclusão, e que a compreensão começa com ouvir as próprias meninas, especialmente os mais excluídos. Ouvir em primeira mão as suas necessidades e prioridades é crucial pois, que o mundo começa a tomar medidas para implementar as Metas Globais.

Uma pesquisa em 2015, Plan International no Equador, Nicarágua, Paquistão e Zimbábue – *Meninas Explicam: A quarta pesquisa no País sobre atitudes de Mulheres e Recomendações para Plano de Ação* – lançar luzes sobre as atitudes e experiências de mais de 4.000 meninas nesses países. As meninas falaram sobre o quão seguro eles se sentem na escola e em locais públicos, quanto controle eles sentem que têm sobre suas vidas e corpos, e como elas veem a violência. O estudo define o cenário para uma análise mais aprofundada das suas realidades diárias.

A vida das meninas são formadas pela intersecção e vulnerabilidade, incluindo o bem-estar económico do agregado familiar em que vivem, o seu próprio estado civil, e se elas são ou não um pai. As suas identidades são também definidas por uma variedade de características, incluindo etnia, classe, raça, deficiência e identidade sexual. A intersecção de mais de uma vulnerabilidade – estar fora da escola e ser uma mãe casada jovem, por exemplo – pode tornar mais difícil para essas meninas gozar seus direitos.

Para entender melhor as experiências distintas e específicas de determinados grupos de meninas, Plan International realizou uma pesquisa em 2016 em dois dos países estudados anteriormente – Zimbábue e em Nicarágua. O objetivo da pesquisa foi o de explorar as realidades de meninas que relatam sentirem-se marginalizadas, e para saber mais sobre suas experiências.

GANHAR UMA COMPREENSÃO MAIS PROFUNDA

Com base na análise das Metas Globais e metas que podem ter o maior impacto sobre a vida de uma menina, foram selecionadas as seguintes áreas de exploração: ‘meninas ambientes favorável, cuidados e trabalho doméstico, a qualidade da educação e valor, gravidez precoce, precoce casamento, a violência contra meninas e mulheres, a segurança nos locais públicos, relações sociais e comunicações interpessoais.

Um total de 240 meninas, de 15-19 anos, foram entrevistadas para explorar as diferentes perspectivas, atitudes e experiências de diversos grupos: mães jovens, meninas casadas, o abandono escolar, meninas de minorias étnicas e meninas em risco de barreiras e vulnerabilidades.

A pesquisa utilizou métodos quantitativos e qualitativos, incluindo pesquisa baseada em percepções de atitude e, perguntas abertas e perguntas fechadas ao contexto definido com pesquisadores de cada país. Foram utilizados métodos participativos, criativos e criticamente reflexivos, e discussões em grupo. Para fazer a pesquisa como significativa e participativa, as mulheres jovens foram empregadas como assistentes de pesquisa (6 no Zimbábue e 10 em Nicarágua). Após estes assistentes participaram na formação sobre métodos de pesquisa e questões de género e proteção, elas realizaram a pesquisa de campo e participaram no workshop de análise dos resultados.

Os resultados dessa pesquisa não são representativos da população em geral em nenhum país, e só deve ser apresentado e entendido como visão dos grupos específicos de meninas que partilham características semelhantes numa localização geográfica específica e do contexto e no momento particular. No entanto, os resultados iluminar a realidade diária das meninas que foram entrevistados, e revelar como se sentem as coisas deveriam ser considerados. Perguntado se achava que elas deveriam ter mais oportunidades na vida e alcançar seus objetivos de vida, para meninas de ambos os países a maioria de resposta foi “Sim”.

“Ninguém nos diz nada ou explica algo sobre a sexualidade.”

(UMA MÃE JOVEM DE MANAGUA)



CONSTATÇÕES DO PAÍS: NICARÁGUA

As meninas em Nicarágua falaram da violência generalizada contra meninas e mulheres. As entrevistadas frequentemente falaram sobre a prevalência de abuso sexual em seus ambientes circundantes. Elas sentem particularmente vulneráveis a violação dos seus direitos, são vítimas de abuso por causa de sua idade e por serem meninas.

O medo de ser vítima de abuso sexual foi fortemente ligado ao risco associado a gravidez, resultado que temiam teria um impacto negativo nas suas oportunidades e bem-estar e restringir o seu progresso na vida. Meninas relataram preocupações sobre sua capacidade física de conceber e dar à luz sem quaisquer medo ou impactos prejudiciais ou fatais na sua saúde. Aquele que se tornou grávida numa idade jovem também falaram sobre as preocupações sobre sua capacidade de ser mãe e o estigma social ligado a ser jovem e grávida.

A maioria das meninas entrevistadas relataram sentir inseguras em suas casas, em seus relacionamentos, e nas ruas. As meninas relataram não sentir-se seguro no transporte público, andam sozinhas ao público, ou estar em público depois de escurecer. Além da ameaça e medo de violência física e sexual, elas relataram terem sido verbalmente assediadas na rua por meninos e homens.

A MAIORIA DAS MENINAS NÃO SE SENTEM SEGURAS NOS LUGARES PÚBLICO



65%

não se sentem seguras no transporte público



59%

não se sentem seguras andar por conta própria nos lugares público



77%

não se sentem seguras nos lugares público após anoitecer

Percentagem de inquiridas de um total de 119

“As meninas são vítimas de abuso em casa e na comunidade. Algumas delas são violadas,” disse uma menina durante um grupo de discussão em San Rafael del Sur, uma cidade ao sul-oeste de Manágua. Os participantes na mesma discussão sentiam que aquelas que eram pobres ou que tinham menos recursos são mais expostos ao maior risco. “Um estuprador acha que se a menina para ser estuprada é pobre, ela é mais vulnerável e tem menos probabilidade de relatar o caso,” uma das meninas disse: “Enquanto isso, uma pessoa com recursos suficientes tem maior conhecimento acesso à lei.”

Fora de todas as meninas entrevistadas na Nicarágua, a maioria concordaram que o abuso sexual deve ser comunicado e disse que elas sabem onde devem ir fazer isso em sua comunidade. Elas também notaram que elas se sentiriam mais confiante relatar os casos da violência as autoridades do que a um membro da família.

A forma pobre de tratamento em casa pelos pais afeta negativamente seu bem-estar e escolhas de vida, de acordo com um grupo de jovens mães. Elas discutiram a falta de amor, cuidado e apoio que experimentam no seu ambiente doméstico. O abuso físico, sexual, verbal e emocional dos membros da família levam-nas a sentimentos de insegurança e solidão. As meninas disseram que sentem que não são ouvidas ou dadas bons conselhos, particularmente em torno da sexualidade. Em muitos casos, as meninas disseram que procuram conforto e amor fora de casa, na esperança de que elas pudessem ter um melhor e a vida mais feliz em casa com um namorado.



Nury, ficou grávida aos 14 anos de idade, com sua mãe em casa em Nicarágua rural.
(Plan International / Miguel Alvarez)

“Ninguém nos diz nada, nem explica nada relacionado à sexualidade,” disse uma jovem mãe de Manágua. “As meninas têm problemas em casa por vezes casam se ou ficam grávida para evitar o sofrimento nas suas casas,” ela explicou, detalhando tais desafios como ser estuprada por seus pais ou alguém próximo delas, e a falta de meninas de educação que elas recebem.

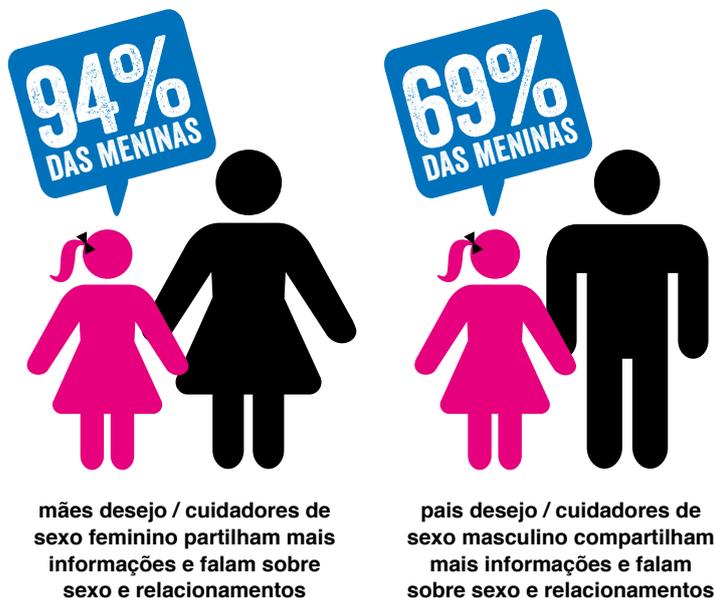
Em muitos casos, as mães são culpadas por não proteger suas filhas de violência sexual ou permitem que elas se tornem grávidas. “Muitas das meninas são estupradas por causa do descuido de suas mães,” disse uma entrevistada de Boaco. Várias meninas disseram que as mães dão suas filhas muitas liberdades e não lhes ensinam a dizer não. Enquanto alguns inquiridos consideraram que uma mãe é responsável por manter as meninas dentro de casa e não lhes deixarem na rua, as outras se queixaram de que seu movimento estava muito restrito por proteção das suas mães e desejavam ter

mais independência. As mães também foram acusadas de não dar informações e apoio de suas filhas. Jovens mães frequentemente discutem a negligência das suas próprias mães.

Em geral, houve uma falta de reflexão sobre a responsabilidade dos pais, meninos e homens nas comunidades para enfrentar e mudar o comportamento violento ou sexualmente abusivos. No entanto, um pequeno grupo de jovens mães fez levantar a questão, dizendo que os meninos não podem ser deixados de fora. “Eles têm a responsabilidade também,” disse uma jovem mãe em Manágua. “Devemos dizer-lhes se você não quer a responsabilidade, usa a proteção.”

Enquanto a maioria das meninas sentiram que tinham informações suficientes para evitar a gravidez, um terço disse que não fez. Percepções sobre o acesso à

AS MENINAS QUEREM FALAR SOBRE SEXO E RELACIONAMENTOS COM SEUS PAIS



Percentagem de inquiridas de um total de 119

As mães jovens aprendem sobre assistência à infância na comunidade Miskito no norte da Nicarágua.

Plan International



contracepção foram divididos igualmente: quase metade das meninas concordaram que elas foram capazes de acessar contraceptivos (44 por cento), com uma proporção ligeiramente inferior discordaram (41 por cento).

Para as meninas que estão numa relação, negociar o uso do preservativo pode ser difícil. A grande maioria das meninas entrevistadas (92 por cento) dizem que pode pedir o seu parceiro ou namorado a usar um contraceptivo. Mas apenas 22 por cento das raparigas disseram que seus parceiros ou namorado seria realmente fazê-lo. Estas relações desiguais de poder aumentar o risco das meninas de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis.

As meninas relataram que receberam educação sexual na escola, mas senti que poderia ser mais eficaz e que um maior foco deve ser colocado sobre como usar corretamente contraceptivo para evitar a gravidez e doenças sexualmente transmissíveis.

A esmagadora maioria das meninas disse que, embora suas mães falou com eles sobre educação e relações com algum grau sexual, eles queriam que isso iria acontecer mais. Um terço disse que desejava que seus pais iria falar com eles sobre estas questões mais.

“Não há comunicação ou de confiança com os pais,” disse uma menina durante uma discussão em grupo. “Eles pensam que estão namorando alguém ou de que algo pode acontecer e que pode engravidar.”

Enquanto o ambiente de casa muitas vezes parece ficar aquém das expectativas das meninas, disseram as relações familiares são fundamentais para o seu bem-estar, o seu sentido de auto-estima e sua capacidade de definir metas e agir sobre eles.

As meninas sublinharam a importância de ter alguém para conversar e partilhar seus problemas. Receber conselhos e apoio emocional este facto foi suficientemente discutido como assunto crucial para o seu bem-estar. A grande maioria das meninas relataram que este apoio veio de membros da família do sexo feminino, incluindo mães, avós e tias. No entanto, o grupo de mães jovens são mais referidas, amigos, psicólogos e organizações comunitárias como fontes importantes de apoio ao invés de membros da família.

O número minoritário de meninas (10 por cento) disseram que não tinha ninguém para conversar, indicando um nível de isolamento e de risco para o seu bem-estar. A maioria dessas meninas eram mães jovens, na sua maioria com idades entre 16 anos ou menos, e os desafios que mais frequentes que foram relatados são abuso sexual e violência no lar.

Dada a centralidade e importância do apoio da família citada pela maioria das meninas na amostra em Nicarágua, a perda desse apoio e as incidências de violência em casa são

particularmente devastador para aquelas meninas que sentem que não têm ninguém para conversar ou para onde vão.

A escola foi vista como um lugar de refúgio para muitos das entrevistadas. Para todas as meninas, a importância da educação na adolescência mais tarde foi muito ligado a sentimentos de tornar-se mais capaz e ativo e ter mais auto-estima e à ideia de “ser alguém.” Além de o valor do que está ser transmitido disciplinas fundamentais – que aumentou os seus conhecimentos e capacidades – meninas também ligam a sua educação para conhecer seus direitos.

Miskito meninas, em particular, ligados a educação das mulheres para reduzir os níveis de violência no lar. Meninas nessa comunidade falaram da escola como um ambiente onde elas foram informados sobre os seus direitos e onde os valores que podem ser ensinadas em casa foram reforçadas. Uma menina de Boaco disse que sua educação “ajudou – me a ser mais ativa e acho que sou capaz e que não só os homens têm esse direito.”

A educação continuada a ser o veículo para o emprego ou para uma carreira de sucesso, foi repetidamente mencionada por meninas ao definir seus objetivos de vida. Encorajador, a grande maioria das meninas envolvidas na pesquisa foram satisfeitas com a qualidade e o acesso à educação e disseram que acreditavam que isso vai lhes conduzir a boas oportunidades de emprego.

No entanto, enquanto as meninas na sua maioria relata que elas têm a oportunidade de terminar o ensino secundário, quase um quarto das meninas entrevistadas afirmaram que tiveram que parar a sua educação devido à gravidez ou assédio sexual. A segurança nas escolas continua a ser um problema, com as meninas – especialmente aquelas que são pobres ou de áreas rurais – enfrentam o risco adicional de ser abusado pelos professores.

A percepção positiva de nível satisfação com a educação não é partilhada por todas as meninas entrevistadas. As meninas da comunidade indígena miskito expressaram insatisfação com a qualidade da educação que recebem, e relataram problemas com assiduidade dos professores e com barreiras linguísticas. Uma menina no grupo focal em Sisin disse: “Quando falamos espanhol, nossos colegas zombam-nos. É por isso que nós não continuarmos a falar ou continuar aprender espanhol e por isso não continuarmos o nosso percurso escolar.”

As meninas neste grupo também sentiram o acesso à educação e as suas oportunidades para terminar o ensino secundário foram restringidos pela crença dos pais de que a educação para meninas é um desperdício de dinheiro, porque elas vão se casar ou engravidar. Havia um forte sentimento das meninas Miskito que o sistema educativo está deixar-lhes para trás, e que as suas necessidades específicas não estão a ser respeitadas.

MENINAS EXPRESSAM SATISFAÇÃO COM AS OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS



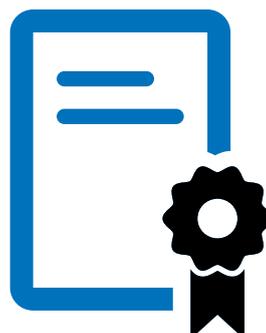
79%

dizem que as meninas sempre têm a oportunidade de frequentar a escola secundária



66%

dizem que as meninas sempre têm oportunidades para terminar a escola



91%

dizem que ficaram satisfeitos com a qualidade da educação que receberam



90%

acreditam que terminar a educação vai levar a oportunidades de emprego decente

Porcentagem de inquiridos de um total de 119

“Educação ajuda-me ser mais positivo e pensar que sou capaz.”

(MENINA EM BOACO)



CONSTATAÇÕES DE PAÍS: ZIMBABWÉ

Enquanto as meninas em Nicarágua discutiram repetidas vezes o sobre medo da violência e suas consequências, para as meninas em Zimbabwé, as principais preocupações eram económica.

A pobreza generalizada não só teve um impacto sobre sua saúde e bem-estar, mas também aumentou o risco de abandonar a escola, que por sua vez expôs ao casamento precoce e a gravidez precoce. A sua capacidade de exercer os seus direitos era frequentemente discutido como inter-relacionados ou dependentes do bem-estar económico do seu agregado familiar, que também teve um impacto sobre a capacidade das meninas para completar a sua educação.

Fora das meninas entrevistadas, 81 por cento relataram que em outra situação teve que abandonar a escola, temporária ou definitivamente. A esmagadora maioria disse que a razão por trás disso era económica, enquanto outros citaram a gravidez precoce, o casamento precoce e a menstruação como barreiras para continuar a educação. O baixo valor colocado em educar meninas significava que quando os recursos eram escassos, os pais optaram por educar os filhos.

Uma vez fora da escola, as meninas disseram que o risco de o casamento precoce e a gravidez precoce aumentou. Elas relataram sentir pressão das famílias e encarregados de educação para se casarem, a fim de aliviar a carga financeira do agregado familiar e também para evitar meninas ser “ocioso em casa”. As meninas também expressaram sobre o medo de “ser ocioso” e vinculando isso para o problema de ter demasiada liberdade, que muitas vezes resultam no início da gravidez.

As meninas na aprendizagem de valores em Zimbabwé e querem terminar sua educação – mas aquelas que foram entrevistadas para esta pesquisa expressaram insatisfação com a sua capacidade de aceder e permanecer na escola. Embora a grande maioria das meninas (88 por cento) no estudo disseram que tiveram a oportunidade de frequentar regularmente a escola secundária, a taxa de abandono temporária ou definitiva é alarmante.

Apenas um terço das meninas com quem falamos concordaram que as meninas da sua idade sempre têm a oportunidade de concluir o ensino secundário. Muitas meninas disseram que eram regularmente obrigadas a abandonar. Uma menina de Redcliff disse: “Eu não estou feliz com a educação que recebi porque era difícil ir à escola, desde que eu não tinha taxas escolares.”

Os grupos mais marginalizados, como as meninas do grupo étnico Ndebele, relatam uma experiência ainda menos positiva com a escola. Umas meninas da comunidade remota de Silobela reflete sobre uma experiência educacional particularmente angustiante. “Indo para a dor infligida escola em minha vida,” disse ela. “Eu estava sempre deprimido na

A MAIORIA DAS MENINAS ACREDITAM QUE A EDUCAÇÃO VAI LEVAR LHE A UMA VIDA MELHOR



72%

dizem que as meninas sempre têm a oportunidade de frequentar a escola secundária



33%

dizem que as meninas sempre têm oportunidades para terminar a escola



89%

acreditam que terminar a educação vai levar a oportunidades de emprego decente

Porcentagem de inquiridos de um total de 121

escola vendo outras crianças proporcionando até mesmo uma refeição decente para o tempo de pausa, quando eu não tinha nada. Eu só podia ir com frutas silvestres, por isso gostaria de passar o dia com muita fome. Eu não podia nem ouvir o professor.”

Uma menina da mesma comunidade disse não ter terminado a escola signifique menina como ela “não tem futuro brilhante.” Outras disseram não a frequentam a escola, porque consideram que é inútil, e que para não desperdiçar seus recursos limitados.

Todas as meninas no estudo em Zimbabwé associaram o valor da educação para melhores oportunidades de vida e, especificamente, a empregos que ajudam a aumentar o seu bem-estar econômico e de suas famílias. Nove em cada 10 meninas entrevistadas acreditavam que terminar sua educação levaria a oportunidades de emprego decente.

A esperança de terminar a escola ou voltar para a escola foi claramente ligada a encontrar maneiras de ganhar dinheiro através de empregos ou outros projetos de geração de renda, tais como a criação de galinhas. Curiosamente, o pequeno grupo de meninas que não relataram que elas tinham parado a escola em algum momento por altas aspirações sobre os seus objetivos de vida, e falou sobre a melhoria da educação e assegurar carreiras profissionais.

Em comparação com a educação, a um valor mais alto às vezes é colocado no casamento, por exemplo, nas famílias e nas comunidades Ndebele, levando algumas meninas para ver o casamento como uma conquista. Nem todos concordam, no entanto. Uma menina disse: “Elas são forçadas a se casar com menor idade... porque é aceite pela nossa cultura. Os mais velhos devem mudar a nossa cultura de casamento precoce.”

A maioria das meninas sentiram que as meninas que se casaram cedo têm mais complicações a enfrentar. “Sua vida fica difícil,” disse uma menina não-casada em Epworth, um assentamento urbano perto de Harare. “Elas não vão ter um futuro melhor ou quaisquer planos para um futuro mais brilhante. Elas terão agora de parar à escola para cuidar dos seus filhos.”

A maioria das meninas concordaram que, se as meninas se casam antes dos 18 anos elas são menos propensas a completar a sua educação. Entre dos 44 meninas casadas entrevistadas, a grande maioria mencionou a pobreza, a fome e a falta de recursos econômicos como os principais fatores para casar cedo. Quarenta e duas das meninas casadas relataram que teve de interromper sua educação, temporária ou definitivamente.

Refletindo sobre o impacto da gravidez no início de suas vidas, jovens mães casadas falaram sobre complicações no parto, abandono escolar precoce, sendo espancado por seus



Hope, um líder jovem, na sua escola, em Epworth, perto de Harare, Zimbabwé.

Plan International / Flemming Gernyx

maridos, lamentando a sua decisão, e a luta para fornecer e cuidar de seu filho. Estes desafios foram muitas vezes interligados.

“Eu quero o meu marido para parar de me bater,” disse uma menina de Silobela. “Eu quero sustentar a minha família. Eu quero o meu marido para apoiar o meu bebê também.” As meninas casadas eram mais propensas a discordar quando perguntei se elas tinham oportunidades suficientes para chegar na vida e alcançar seus objetivos, e três em cada quatro meninas casadas afirmam que elas não têm a mesma oportunidades que os rapazes para chegar na vida.

Além disso, a grande maioria das mulheres casadas entrevistadas concordaram com a afirmação de que as meninas que se casam jovens são mais propensas a experimentar violência no lar. “Aqueles que são casadas experimentam a violência como seu pequeno-almoço, almoço e jantar,” disse uma menina em Silobela. “Essas meninas

“O meu marido me bate todos os dias. Ele me dá duros golpes. Minha cunhada me disse para ficar em silêncio porque é realidade do casamento.”

(MENINA RECÉM CASADA, SILOBELA)

são impregnadas em uma idade muito jovem. Isso é porque elas estão a lutar para sobreviver. Elas não vão a escola, eles não têm as propinas a ir à escola. Eles são deixados com nenhuma outra do que o casamento opção. No casamento, elas normalmente experimentam violência. Estou cansada da maneira como meu marido me dá bafa a cada dia.”

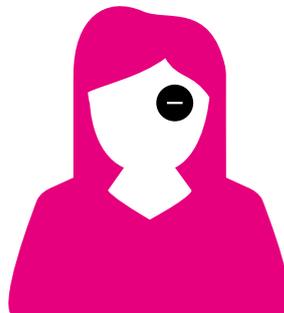
A violência também era uma realidade para as meninas solteiras, particularmente aquelas que ficaram órfãs ou foram enviadas para viver com famílias extensas, incluindo madrastas.

A frente de tais desafios, há alguém com quem conversei sobre meus problemas foi muito importante para a maioria das meninas entrevistadas. Tal como acontece com as meninas em Nicarágua, as meninas no Zimbabwé que tinha alguém para conversar muito valorizada essa relação e encontrou um grande conforto em ser capaz de discutir os seus problemas e receber conselhos. A maioria das meninas disseram que falaram com suas mães, tias ou outros parentes do sexo feminino e se refere a elas como uma fonte de apoio e força.

No entanto, 15 meninas – mais de 10 por cento das meninas entrevistadas – disseram que não tinham ninguém para conversar os assuntos íntimos. A maioria dessas meninas não estavam na escola ou empregadas, e três delas se identificaram como cuidadores de famílias por 24 horas, com destaque para a extensão de seu isolamento social e restrições à circulação.

As meninas casadas que tiveram apoio disseram que suas mães ou parentes do sexo feminino muitas vezes falam com

MENINAS ACHAM QUE ELAS DEVERIAM ACEITAR A VIOLÊNCIA POR CAUSA DA FAMÍLIA



84%

sentem que é inaceitável para um rapaz bater ou usar violência contra sua namorada / esposa



68%

68% Concordam que as mulheres colocar-se com a violência, a fim de manter a família unida

Porcentagem de inquiridas de um total de 121

elas sobre o casamento e relacionamentos, especialmente em torno de questões de violência dentro do casamento. As descobertas mostram como a violência é normalizada por muitas pessoas.

“Meu marido me leva para um saco de pancadas cada dia. Ele me dá golpes duros. Estou em apuros com este marido da mina,” relatou uma menina. “Minha cunhada me disse para ficar em silêncio e me disseram que era realidade do casamento... Minha cunhada é a minha concelheira. Ela me ajuda na vida.”

No geral, as meninas não acham que é aceitável para os namorados ou maridos batê-las ou usar a violência, no entanto, elas não sentem que é aceitável para as mulheres a colocar-se com a violência, a fim de manter a família unida. A violência é vista como algo a ser esperado por ambas as mulheres mais velhas e mais jovens.

Pouco menos de metade das meninas entrevistadas não concordam que as meninas da sua idade teve oportunidades suficientes para chegar na vida e alcançar seus objetivos de vida. Níveis de discordância subiu para mais de dois terços quando for perguntado se as meninas tiveram as mesmas oportunidades que os rapazes para atingir seus objetivos. Questionado sobre se elas deveriam ter mais oportunidades disponíveis, 9 em cada 10 meninas disseram: “Sim”

As meninas em Zimbabwé quer uma vida melhor, mas lutam para superar as muitas barreiras que elas enfrentam, incluindo a pobreza e violência. Apaixonadas para alcançar seus objetivos, permanecer na escola, terminar sua educação,

ter emprego e gerar renda para transformar suas vidas foi claramente articulado ao longo da pesquisa. Elas se sentem mais deve ser feito para lhes permitir participar eficazmente em suas casas e suas comunidades.

APRENDER COM A PESQUISA

Analisando identidades específicas e as vulnerabilidades as dificuldades que as meninas experimentam cria uma melhor compreensão dos desafios e barreiras específicas que enfrentam em conseguir seus objetivos de vida e melhorar a sua condição e posição na sociedade. Por exemplo, em ambos os países as experiências de educação para meninas de comunidades de minorias étnicas eram mais negativa do que as experiências dos grupos mais amplos de meninas. A fim de atingir os mais excluídos e criar condições que permitam a mudança transformadora, compreensão mais detalhada e análise destas vulnerabilidades de e dificuldades é necessário.

Olhando para as desigualdades de gênero e outras dimensões pode ajudar a identificar grupos particularmente vulneráveis e permite o desenvolvimento de respostas de políticas e programas apropriados.

Uma abordagem intersectorial nem sempre apresenta um conjunto consistente de resultados. Em vez disso, ela expõe as complexidades enraizadas nas realidades vividas de meninas e meninos e destaca a diversidade de respostas necessárias para ser eficaz. Por exemplo, para compreender a experiência de uma menina de minoria étnica, não é suficiente para entender como ela experimenta a desigualdade de gênero e como ela experimenta a discriminação étnica. É necessário um entendimento completo de como esses dois interagem e se reforçam mutuamente.

As respostas de políticas e programas também devem considerar a importância e complexidade da família, quer como um ambiente que capacita meninas ou age como um controlador de exclusão. Em ambos os países nesta pesquisa meninas falaram sobre a centralidade da família em suas vidas, e como elas altamente valorizam ter um membro da família para falar sobre seus problemas, para apoio e aconselhamento. Por outro lado, muitas meninas descreveram que seu ambiente familiar como sendo a raiz do problema, onde foram mal tratados, desvalorizadas por conta de ser uma menina, ou visto como um custo desnecessário para o lar. Estas difíceis condições familiares e domésticas muitas vezes, levam as meninas em uniões precoces, casamentos precoces ou gravidez precoce contra a sua vontade.

Este estudo demonstra de forma pungente a necessidade de uma abordagem diferenciada e holística para lidar com a violência contra meninas e mulheres. Progressos no cumprimento das Metas Globais para acabar com a violência contra meninas e mulheres devem ter em conta as

perspetivas daquelas mais afetadas. Por exemplo, muitas das meninas entrevistadas colocaram a responsabilidade de prevenir a violência sexual nos ombros das meninas.

A banalização da violência em ambos os países cultiva uma crença e atitude entre as meninas que o abuso sexual, violência e relações sexuais de risco podem ser evitados se se mudarem. Muitas meninas disseram que poderiam reduzir o risco através da moderação do seu próprio comportamento, por exemplo, vestir-se adequadamente e restringindo a sua presença em lugares públicos. Isto está em contraste com as abordagens que visam acabar com a violência contra meninas e mulheres, desafiando o *status quo* e / ou defendendo com e para meninos e homens para promover a igualdade de meninas e mulheres.

Da mesma forma, explorando atitudes e percepções das meninas em torno tarefas domésticas oferece visão sobre as normas de gênero num determinado contexto. As discussões em grupo com rapazes em ambos os países reconheceram que as meninas comparativamente passam mais tempo em casa para acudir as tarefas domésticas, mas os meninos consideram estas tarefas para ser “luz”, enquanto as suas próprias tarefas eram mais masculino e exigia mais força. Além disso, ambos os rapazes e meninas reconheceram que os meninos têm mais tempo de lazer do que as meninas e mais oportunidades para jogar e estudar.

Ao questionar meninas sobre se a divisão do trabalho deve ser mais igualmente distribuídos, duas percepções distintas surgiram: meninas na Nicarágua expressaram um sentimento de injustiça e injustiça, enquanto a maioria das meninas entrevistadas no Zimbabwé não sentem a necessidade de alterar a divisão do trabalho e 70 por cento disseram acreditar que elas não devem ter tanto tempo livre como meninos.

Algumas meninas em Zimbabwé responderam com espanto com a sugestão de mudar os papéis de gênero bem estabelecidas e responsabilidades no lar, e falaram sobre a desgraça e vergonha um irmão ou marido a fazer limpeza da casa.

Para criar mudança transformadora para as meninas ao longo dos próximos 15 anos, mais ênfase será necessária a criação de ambientes de cuidados e de apoio em que todas as meninas podem ter acesso ao conhecimento e incentivo em espaços seguros. Ao abordar as relações de poder desiguais e abordar atitudes, comportamentos e normas sociais, as meninas podem ter maior autonomia, escolha e controle sobre suas próprias vidas.

A abordagem combinada com a pesquisa quantitativa e qualitativa – como os estudos em Nicarágua e Zimbabwé – contribui para uma análise mais forte do gênero, o que nos permite ir além dos números para revelar e responder às realidades diárias de meninas e mulheres, e proporcionar um grande apoio para mudança real.



MEDIR AS CAUSAS DE DESIGUALDADE DE GÊNERO

POR GAËLLE FERRANT, ECONOMISTA, KEIKO NOWACKA, COORDENADORA DE GÊNERO, E ANNELESE THIM, ANALISTA POLÍTICA JÚNIOR, OECD CENTRO DE DESENVOLVIMENTO

A agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável é uma grande promessa para alcançar a igualdade de gênero nas suas ambiciosas metas, metas e indicadores, que levam em consideração as barreiras sistêmicas às meninas e mulheres enfrentam em desfrutar de direitos iguais, oportunidades e bem-estar.

Uma mudança significativa em relação aos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio é o reconhecimento de que as normas sociais desempenham um papel significativo nas meninas e os direitos das mulheres e bem-estar. Alvos no trabalho não remunerado, as práticas nefastas e casamento precoce são exemplos de inclusão destas normas sociais para o novo quadro de desenvolvimento. Medir as normas sociais e seguimento de mudança ao longo do tempo será fundamental para apoiar o progresso para estas metas.

Seguimento às mudanças de atitudes, percepções e normas tem sido muitas vezes visto como indescritível, complicado ou controverso. Durante os últimos oito anos, o Índice do Centro de Desenvolvimento da OCDE Instituições Sociais e Gênero (SIGI) propôs uma abordagem inovadora e metodologia para lidar com isso. Com um banco de dados e do país perfis para 160 países, esta medida transversal das instituições sociais discriminatórias permitiu visão detalhada e novas pesquisas sobre a relação entre as normas sociais e os resultados do desenvolvimento.

Ao medir as instituições sociais que discriminam as mulheres, o índice revela as disparidades de gêneros criados por legislação, práticas e atitudes em termos

de direitos e oportunidades.

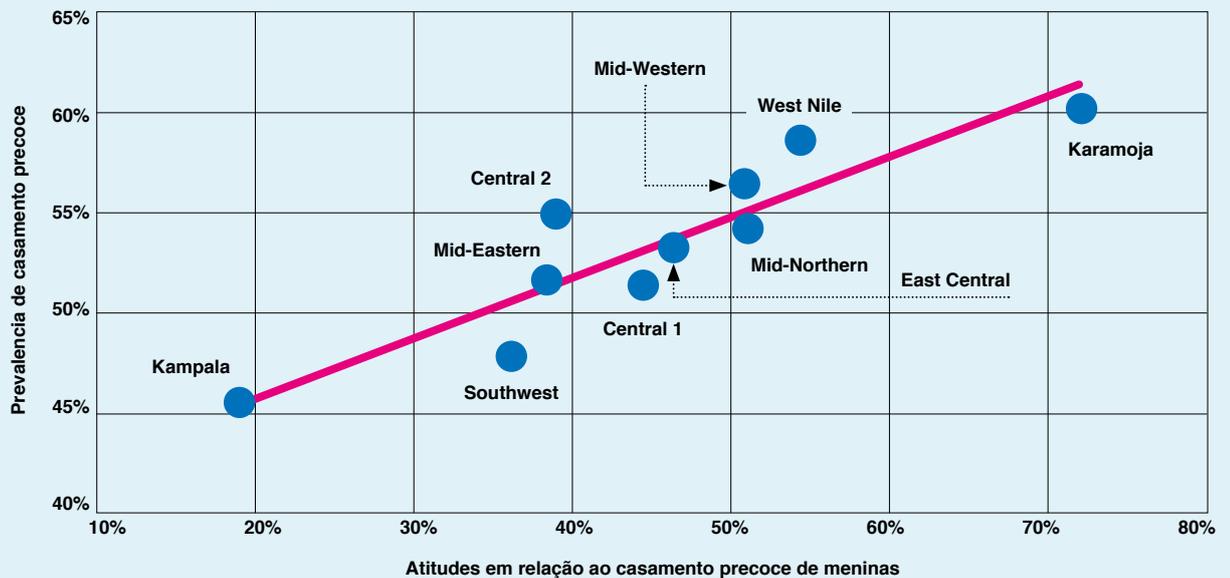
As instituições sociais discriminatórias incluem leis formais e informais, normas sociais e práticas que restrinjam ou excluam as mulheres, e, consequentemente, restringem seu acesso aos direitos, justiça, recursos e oportunidades de capacitação. Uma abordagem de ciclo de vida tem como objetivo capturar como instituições sociais discriminatórias se cruzam ao longo vida de meninas e mulheres, minando a sua oportunidade e capacidade de fazer escolhas de vida.

É importante, o SIGI mostra que tal discriminação e as desigualdades não impactam negativamente unicamente na vida das meninas e mulheres, elas também podem dificultar resultados positivos para os objetivos de desenvolvimento. A pesquisa usa os dados de SIGI que revela que as disparidades de gênero nas instituições sociais se traduzem em disparidades de gênero em áreas-chave de capacitação, tais como a participação na força de trabalho e educação.⁴⁶

Por exemplo, níveis mais elevados de instituições sociais discriminatórias estão associados com menores oportunidades de capacitação econômica das mulheres. As expectativas sociais revelam que as mulheres devem ser os principais responsáveis na família, significa que elas tendem a ter menos tempo para se dedicar a atividades remuneradas, explicou algumas das desigualdades existentes no mercado de trabalho.

Quando as disparidades de gênero no tempo dedicado ao aumento do trabalho não remunerado, as disparidades de gênero na participação na força de trabalho e dos salários também tendem a ser mais elevada. Onde as mulheres gastam duas vezes mais tempo no trabalho não remunerado que os homens, eles ganham 65 por cento dos salários dos homens. Onde a proporção de mulheres aumentam nos trabalhos

A TAXA DE CASAMENTO PRECOCE É ELAVADA ONDE E VISTO COMO ASPETO POSITIVO



Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico, Uganda Género e Instituições de banco de dados (Paris: OCDE), <http://stats.oecd.org/Index.aspx?DatasetCode=GID2>

de assistência pagos aumenta a cinco vezes mais do que os homens, os seus salários diminuí para apenas 40 por cento salário dos homens.⁴⁷

Da mesma forma, tomando como exemplo o casamento precoce a pesquisa de SIGI mostrou que em países onde as meninas são mais propensas do que os rapazes a se casar cedo, elas são menos propensas a completa ensino secundário.⁴⁸

Ao restringir o acesso das mulheres à educação e à participação nos trabalhos, instituições sociais economias afeta negativamente e reduz o potencial crescimento económico. A discriminação de género nas instituições sociais representa um custo considerável de uma perda de rendimento estimado de 12 trilhões de dólar ao nível global.⁴⁹

REGISTRAR AS NORMAS SOCIAIS AO NÍVEL DO PAIS

Os estudos nacionais SIGI em Uganda e Burkina Faso estão a complementar a evidência global, e gerar novos conhecimentos e compreensão de como as normas sociais têm um impacto – tanto positiva como negativamente – na igualdade de género e os resultados do desenvolvimento. Estes estudos deram uma oportunidade para aplicar questio-

nários nacionais numa, com perguntas para as mulheres e homens em áreas que vão desde o empreendedorismo à violência baseada no género.

Esta experiência nos níveis globais e nacionais destacam a importância das normas sociais nos processos de desenvolvimento, e sobre como os países e as organizações podem – e devem – integrar normas sociais em suas avaliações, políticas e estratégias.

O estudo país em Uganda considera abordagem participativa para garantir que ele correspondeu as prioridades nacionais em matéria de igualdade de género e formas específicas encontrada de discriminação existentes no país. Isto incluiu consultas nacionais com os formuladores de políticas, pesquisadores, organizações da sociedade civil e especialistas em desenvolvimento; criação de um grupo técnico consultivo; e desenvolvimento de um papel de fundo em profundidade por especialistas nacionais sobre instituições sociais discriminatórias.

Empregando ambas as abordagens qualitativas e quantitativas para as instituições sociais discriminatórias e preencher lacunas de dados, o estudo incluiu discussões de grupos em 28

distritos e entrevistas com informantes-chave. Isso ajudou a afinar a concepção do módulo quantitativo, acrescentar informações complementares aos resultados da pesquisa quantitativa, e permitiu refinamentos na identificação de como as questões de desigualdade de gênero são percebidas nas comunidades.

O questionário de Uganda incluiu dois módulos (domésticos e individuais) e a pesquisa foi realizada em todos os distritos e regiões do país. O tamanho da amostra de mais de 3.600 domicílios foi projetado para permitir estimativas a nível nacional, rural -urbanas e sub-regionais. Para cada agregado familiar, um homem e uma mulher mais velha de 18 anos foram entrevistados – um total de mais de 5.700 indivíduos.

COMBATER O CASAMENTO PRECOCE

Os resultados trazem à tona como as normas sociais e práticas habituais afetar as tendências em casamento precoce das meninas. Embora a campanha para combater o casamento precoce em Uganda fez um forte progresso devido a reformas legais, um foco na mudança das normas sociais poderiam acelerar o progresso em parar o casamento precoce.

Embora a Constituição de Uganda define a idade legal de casamento para meninas e meninos em 18,⁵⁰ a Lei consuetudinária sobre Casamento permite exceções para as meninas a se casar quando têm 16 anos de idade.⁵¹ Estas discrepâncias no quadro legislativo explicam o desempenho de paradigma na eliminação de instituição social discriminatória.

Enquanto a proporção de mulheres casadas aos 15 anos tem diminuído ao longo do tempo – de 19 por cento entre as mulheres com idade entre 45-49 a 3 por cento entre as mulheres com idades compreendidas entre 15-19⁵² – o casamento precoce ainda é amplamente praticada em Uganda. E as disparidades

entre meninas e rapazes continuam altos: a partir de 2011, quase metade de todas as mulheres com idades entre 20-49 foram casados por 18 anos, em comparação com apenas 9 por cento dos homens com idades compreendidas entre 25-49,⁵³

Enquanto as taxas de casamento precoce das meninas são mais baixas em áreas urbanas como Kampala, são mais elevadas nas regiões Centro-Norte, Leste e centro-leste de Uganda – onde dois em cada três mulheres são casadas antes de completar 18 anos, e um em cada três meninas são casadas antes de 16 anos. As leis e práticas habituais que incentivam o casamento precoce explicam estas variações de nas taxas de prevalência em diferentes regiões.

As atitudes em relação ao casamento precoce das meninas também são fatores importantes nas taxas de prevalência. Nas regiões onde o casamento precoce de meninas é visto como positivo, as taxas de prevalência são mais elevadas. Mais uma vez, isso afeta rapazes e meninas de forma diferente: quase 50 por cento dos entrevistados na pesquisa SIGI em Uganda concordaram que as meninas devem se casar antes dos 18 anos, mas apenas 15 por cento concordaram que os rapazes devem se casar antes dos 18 anos em Karamoja, estes números sobem para 72 por cento e 26 por cento, respectivamente.

Outros costumes matrimoniais em Uganda também refletem e impactam sobre o estado de uma menina dentro da família. Preço da noiva no costume tradicional ao casamento em que a família da menina recebe em presente de seu futuro marido e sua família. Preço da noiva foi considerado como uma prática “comum” ou “necessária” entre 78 por cento e 92 por cento dos inquiridos, respectivamente.

Para a maioria dos ugandenses, preço da noiva depende de grau de autoridade do marido de sua futura noiva (72 por

cento) e do estado de subsídios para uma menina (93 por cento). Isto é particularmente verdadeiro em Karamoja, onde quase toda a população concorda com as seguintes afirmações: “um casamento requer um preço de noiva,” “se um homem paga um dote para sua esposa, isso significa que ele é seu dono” e “um preço de noiva dá status para uma menina.”

OPORTUNIDADES SEM PRECEDENTES

O SIGI e sua abordagem de norma social levantam novas questões importantes sobre a melhor forma de antecedência de igualdade de gênero, particularmente relevante para a visão de transformação social estabelecida nas Metas Globais. Como resulta do SIGI em Uganda para o início do casamento, as leis, as normas sociais, atitudes e percepções formam os parâmetros fundamentais que moldam a capacidade de uma menina de exercer os seus direitos e para desfrutar de oportunidades de capacitação.

Embora normalmente é visto como demasiado complexo para medir, as conclusões de Uganda, indicam que fazer novas perguntas sobre as normas sociais oferece oportunidades sem precedentes para combater as causas da desigualdade e do progresso acelerado.

Novos investimentos em estatísticas de gênero, nomeadamente dos dados ligados as normas sociais, vão melhorar a compreensão de como a discriminação influencia os resultados sociais para meninas e mulheres. Tradução de dados sociais normas nas soluções políticas eficazes que podem combater e transformar essas barreiras serão a chave para ambos rastreios e apoiam as mudanças que são fundamentais para alcançar os resultados de Agenda 2030. ■

As opiniões expressas aqui e os argumentos utilizados são da inteira responsabilidade dos autores e não refletindo necessariamente a posição oficial da OCDE, o seu Centro de Desenvolvimento ou dos seus países membros.

CAPÍTULO 5

UM APELO PARA A AÇÃO



As meninas em Guangnan, China, estão alegres quando têm almoço na escola.

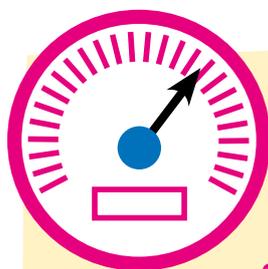
Plan International

Como uma comunidade internacional, temos de fazer tudo do nosso alcance para traduzir a ambição das Metas Globais em ação. Investimentos e inovações de governos, parceiros de desenvolvimento, a sociedade civil e o sector privado serão cruciais. Medir e monitorar o progresso em direção as Metas Globais exigirá um grande esforço coordenado nos próximos anos – um esforço que está orçado em cerca de 1 bilhão dólares por ano.⁵⁴

Os verdadeiros compromissos com a implementação das Metas Globais depende em como os governos traduzir promessas em prioridades e investimentos nacionais – e a responsabilidade de aceitar a prestação de contas para o progresso. Os líderes políticos e da sociedade civil devem exigir as ferramentas de dados e análises que são necessá-

rias para a tomada de decisão informada e implementação. Mecanismos de prestação de contas robustos e participativos devem ser postas em prática para exigir que os governos cumpriram as suas obrigações a nível nacional, regional e global.

Como primeiro passo, esta parceria sustenta que um mundo em que todas as contagens de mulher menina e pode ser contado não é apenas possível, é uma parte essencial de medir o progresso. Comprometemo-nos a cotejar o que sabemos, avaliando o que não sabemos, e fazer uma análise útil sobre como preencher as lacunas no que precisamos saber. Vamos lutar com os doadores, Nações Unidas e organizações multilaterais, governos, o sector privado e da sociedade civil, pedindo-lhes para:



Acelerar os esforços para reforçar a revolução de dados de género

Os esforços para alcançar a igualdade de género são dificultados pela falta de informação fiável abrangente sobre as mulheres e meninas. Se as Metas Globais devem ser alcançados até 2030, avanços em nosso conhecimento atual sobre a vida, bem-estar e bem-estar de meninas e mulheres são críticos. Estes avanços devem incluir o preenchimento de lacunas de dados de género e melhorar a recolha de dados atuais e análise para fornecer melhor informação sobre género e as barreiras que podem conter as raparigas e as mulheres ficarem para trás.



Investir no reforço de capacidade de sistema estatístico

Nós já temos algumas coisas para começar a contar a história de meninas e mulheres, embora a informação sobre as experiências dos mais excluídos ainda está faltar muito. Sabemos que algumas coisas que estamos a falar, ainda se registam muitas lacunas que precisam ser preenchidas, e onde os dados existem mas não estão a ser analisados ou utilizados de forma eficaz. Como o nosso trabalho começa a preencher essas lacunas, nós também precisamos fortalecer, analisar, desagregar e complementar os dados ricos que já existem.

A melhoria dos dados de género, inevitavelmente, colocam desafios para a comunidade estatística, para uma série de técnicas, legais, capacidade e razões políticas. Mas, é imperativo encontrar formas de reforçar as capacidades e superar esses desafios. Somente com dados robustos e fiáveis a ambição das Metas Globais possam ser atingidas sem deixar ninguém para trás.



Abraçar as diferentes fontes de análise e de recolha de dados

Os indicadores oficiais pode ser feito muito mais forte se forem complementados por dados puros – dados qualitativos e dados produzidos por cidadãos, bem como dados de instituições e organizações não-governamentais confiáveis. Todos estes tipos de dados podem ser usados para estimular o debate público, chamar a atenção para questões de outra forma sobrelotadas e fornecer uma imagem mais completa da realidade. Empurrar às pessoas para o bem-estar também pode levar à prestação de conta pública.

As pesquisas e relatórios da sociedade civil alternativa e complementar, grupos de reflexão, fundações e acadêmicos também são cruciais para garantir uma visão equilibrada e analítico da situação e para complementar os esforços oficiais de relatórios nacionais. Os relatórios alternativos permitem que a sociedade civil contribua para a prestação de contas a luz dos objetivos globais quando os cidadãos de outra forma não têm oportunidade de participar elaboração de relatórios governamentais, e para destacar questões que não foram levantadas e / ou rejeitados pelos governos.

Todas essas informações serão necessárias para garantir que estamos a medir com precisão e responder às experiências e percepções de meninas e mulheres durante os próximos 15 anos.

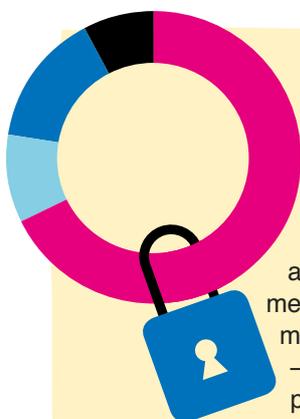


Usar dados e evidências que constroem ação para o movimento

O conjunto de dados mais completo e puro torna se irrelevante se não for divulgado e utilizado para informar os decisores, não aplicado para o investimento, ou se os dados e evidências que são usados não refletem com precisão as realidades da população. Sem o aumento da capacidade para produzir de forma ética, acessar e analisar dados de forma que podem conduzir a ação, a mudança transformadora continuará a ser desnecessário.

É importante lembrar que por trás de cada ponto de dados há uma vida, ou uma família ou um grupo de pessoas com histórias para contar. Como pontos de dados mudam, o impacto não é apenas visto só num gráfico, mas representam muito sentido pelo povo.

Os dados – não são apenas os números, mas também as histórias por trás deles – podem ser ferramentas poderosas para advocacia de direitos das meninas e das mulheres. Esses advogados precisam ter as habilidades para usar estatísticas de gênero de forma eficaz, e institutos nacionais de estatística precisam de uma forte capacidade para apresentar dados amigos de jovens e de fácil uso. Transformar dados em conhecimento que as pessoas podem usar, e dar oportunidades para que possam agir sobre ela, irá permitir-lhes melhorar as suas vidas e o mundo ao seu redor.



Assegurar que a análise e recolha de dados são éticos e fiáveis

Sabemos que o conhecimento é o poder, e o poder pode ser facilmente abusado. Ao lidar com dados – particularmente dados sobre algumas das pessoas mais vulneráveis e excluídos do mundo – questões de privacidade e confiança do público estão acima de tudo. Mantendo todas as pessoas seguras do dano que

pode ser causado por potenciais abusos de dados é imprescindível para o sucesso da revolução de dados do gênero, e a segurança de dados é da responsabilidade de todos.

Para que haja confiança e consentimento, o público deve se sentir confiante de que todos os intervenientes vão cumprir suas tarefas, incluindo a criação e aplicação de instrumentos legais que garantam a privacidade e segurança dos dados, garantindo a qualidade dos dados e independência, e reforçar a capacidade dos cidadãos para participar e avaliar a qualidade dos dados e usar os dados para tomar decisões sobre suas próprias vidas.



Meninas de um grupo de dança em Aceh, na Indonésia.
Plan International / Fauzan Ijazah

JUNTA-SE AO MOVIMENTO; HÁ TAREFAS PARA CADA UM

A revolução de dados de gênero para meninas e mulheres será construída com base na colaboração: organizações e especialistas de diversas áreas devem se unir para partilhar conhecimentos, informações e melhores práticas, identificar as áreas trabalhos conjuntos para contribuir na resolução de problemas comuns e trabalhar para preencher lacunas de dados importantes.

A vontade política é um bloco de construção fundamental. Como parte do seu dever de defender os direitos humanos, os governos são responsáveis por garantir que existem a capacidade de produzir, analisar e divulgar dados desagregados por sexo da forma que não cause qualquer dano. Os doadores podem apoiar esses esforços, não perder de vista a assistência financeira e técnica para a capacitação, advocacia e prestação de contas.

Os parceiros do setor privado podem se envolver através da partilha de dados relevantes com os governos e a sociedade civil, e ajudar a desenvolver formas inovadoras de reunir e organizar informações – e entregá-las para aqueles que dela necessitam.

As ONGs e organizações da sociedade civil podem continuar a luta por mais e melhores dados, implementar os dados oficiais ou dados recolhidos por organizações e instituições confiáveis produzidos por cidadãos, e fazer divulgação de

exemplos onde os dados têm maior impacto. Por outro lado, também podem melhorar as habilidades de alfabetização de dados nas comunidades onde trabalham, partilhar dados de volta para essas comunidades, e garantir que a sua própria partilha os baseados nos direitos humanos.

A mídia tem um papel a desempenhar na cobertura dos problemas, auxiliar as pessoas a compreender a necessidade e utilização dos dados relativos ao gênero, e ajudar a alimentar e ampliar as chamadas para a ação e construir a base de conhecimento em torno das meninas.

Os cidadãos podem participar e usar ativamente os dados partilhados, ver oportunidades para construir suas habilidades de alfabetização de dados, e mantendo coletores de dados e produtores responsáveis.

Em última análise, esta é uma chamada à ação para todas as pessoas, em todos os países. É uma chamada para aqueles que produzem dados para publicá-los e torná-los fácil de usar, para aqueles que têm dados para usá-los de forma que destacam a situação de meninas e mulheres, e para aqueles que não os têm para exigí-los.

Todos nós devemos fazer a nossa parte para tornar visível o invisível e certifique-se que cada menina e mulher são contáveis e devem ser contadas.

AS LACUNAS CRÍTICAS DE DADOS DE GÉNERO IDENTIFICADOS POR DATA2X

No seu trabalho de melhorar a qualidade, a disponibilidade e utilização de dados de género, Data2X identificou algumas lacunas importantes com base na necessidade, a cobertura da população e relevância política. A tabela a seguir descreve as 28 lacunas identificadas em cinco domínios: saúde, educação, oportunidades económicas, da participação política e de segurança humana.

Para mais informação consultar <http://data2x.org>

data2x

partnering for a
gender data revolution

DOMÍNIOS	VAZIO DE DADOS DE GÉNERO			
	Na falta de cobertura em todos os países e / ou regular a produção do país	Na falta de normas internacionais para permitir a comparabilidade	Na falta de complexidade: informação nos domínios	Falta de granularidade: Detalhados conjuntos de dados que permitem a desagregação
SAÚDE				
Mortalidade e Morbilidade Materna	●			●
Excesso de peso das doenças das mulheres	●			
Violência contra Mulheres	●		●	
Saúde Mental	●		●	●
Saúde de Adolescentes	●		●	●
Utilização de serviços de saúde para mulheres	●			●
EDUCAÇÃO				
Resultados de aprendizagem	●	●		
Meninas excluídas	●	●		
Taxa de transição	●			
OPORTUNIDADE ECONOMICA				
Trabalho não remunerado	●			
Emprego informal	●			
Rendimentos e custo de oportunidade de trabalho remunerado	●	●		
Condições de trabalhadores migrantes	●	●		
Mobilidade de emprego	●	●		
Empreendedorismo	●			
Posse de bens	●			
Produtividade e agricultura	●	●		
Acesso aos serviços financeiros	●			
Acesso a creches	●	●		
Acesso a telemóvel e internet	●	●		
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA				
Representação no governo local, organizações políticas e profissionais	●			
Documentos de Identificação Nacional	●			
Registo e o número de eleitores	●			
SEGURANÇA HUMANA				
Conflito sobre mortalidade e morbilidade	●			
Deslocados à força e perfis de migrantes	●			
Impacto do conflito por género	●			
Violência sexual e baseada no género relacionadas com o conflito	●			
Participação nos processos de paz e segurança	●			

REFERÊNCIAS

- Melinda Gates, "A Girl's and Women's Lens on the SDGs," Discurso na Women Deliver 4ª Conferência Mundial (Copenhaga, 17 de maio de 2016).
- Divisão Estatística das Nações Unidas, Níveis provisórios propostos para Indicadores Globais SDG (New York: ONU, 2016), pp 17-19.
- Jeffery Sachs, et al, SDG índice & Dashboards: um relatório global (New York: Bertelsmann Stiftung e Desenvolvimento Sustentável Network Solutions, 2016), p. 11.
- Organização Mundial da Saúde, A mortalidade materna, a folha informativa no. 348 (Geneva: WHO, Atualizado Novembro de 2015), <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs348/en>.
- Nações Unidas, O Relatório de Desenvolvimento Humano 2015 (New York: ONU, 2015), p. 5.
- Nações Unidas, Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável Relatório 2016 (New York: ONU, 2016), p. 20.
- União Interparlamentar, Mulheres em Parlamentos Nacionais: Situação no dia 1 de Junho de 2016 (Genebra: IPU, 2016), <http://www.ipu.org/wmn-e/world.htm>.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, Ensino e Aprendizagem: Alcançar qualidade para todos: Resumo de Gênero (Paris: UNESCO, 2014), p. 34.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, "Leaving No One Behind: How Far On the Way to Universal Primary and Secondary Education?", Documento de Política 27 / Fact Sheet 37 (Paris: UNESCO, julho de 2016), p. 2.
- Nações Unidas, Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável Relatório 2016 (New York: ONU, 2016), p. 21.
- Divisão Estatística das Nações Unidas, Mulheres do Mundo 2015: Tendências e Estatísticas (New York: ONU, 2015), p. 106.
- Nações Unidas, Transformando Nosso Mundo: The 2030 Agenda para o Desenvolvimento Sustentável (New York: Nações Unidas, 21 de outubro de 2015), p. 2.
- WASHplus, WASHplus Fim do Relatório de Projeto: O que nós fizemos e porque é preciso (Washington, DC: Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, julho de 2016), p. 37.
- BLE Solutions LLC, Sumário Executivo: Avaliação da Advocacia Let Girls Lead Iniciativa de Liderança, Janeiro de 2009-Junho 2013 (Let Girls Lead, 2013).
- Fundo de População das Nações Unidas, "Schools for Husbands Gaining Ground in Rural Niger" (Niamey: UNFPA, 17 June 2014), www.unfpa.org/news/schools-husbands-gaining-ground-rural-niger.
- Jerker Liljestrand e Média Reatanak Sambath, "As melhorias socioeconômicas e Fortalecimento do Sistema de Saúde da maternidade Cuidados estão contribuindo para a Redução da Mortalidade Materna no Camboja," *Reproductive Health Matters*, vol. 20, n. 39 (Londres: 2012), pp 62-72.
- Hans-Peter Kohler e Jere R. Behrman, "Benefícios e Custos da População e Metas Demografia para a Agenda de Desenvolvimento pós-2015," *Population and Paper Assessment Demografia* (Copenhagen Consensus Center, de Outubro de 2015), p. 48.
- Amber Peterman, "Os direitos de propriedade e Políticas Gendered Mulheres: Implicações para a longo prazo das Mulheres Bem-estar na Tanzânia Rural," *Journal of Development Studies*, vol. 47, no. 1 (Janeiro de 2011).
- Divisão Estatística das Nações Unidas, Manual do Gênero Estatísticas: Integração da Perspectiva de Gênero em Estatística (UN, Modificado em 14 de Maio de 2013), <http://unstats.un.org/unsd/genderstatmanual>.
- Fundo de População das Nações Unidas, Estado da população mundial 2013: Maternidade na Infância; Enfrentar o Desafio da Gravidez Adolescente (New York: UNFPA, 2013), p. 4.
- Nações Unidas, Metas de Desenvolvimento do Milênio: Gráfico de Gênero (New York: ONU, 2015), <http://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2016/2/gender-chart-2015>.
- Grupo do Secretário-Geral das Nações Unidas, Independente de Peritos Consultivo sobre a Revolução de Dados para o Desenvolvimento Sustentável, Um Mundo que Conta: Mobilização da Revolução de Dados para o Desenvolvimento Sustentável (New York: IEAG, Novembro de 2014), p. 14.
- Divisão Estatística das Nações Unidas, Mulheres do Mundo 2015: Tendências e Estatísticas (New York: ONU, 2015), p. xv.
- Grupo do Secretário-Geral das Nações Unidas, Independente de Peritos Consultivo sobre a Revolução de Dados para o Desenvolvimento Sustentável, Um Mundo que Conta: Mobilização da Revolução de Dados para o Desenvolvimento Sustentável (New York: IEAG, 2014), p. 12.
- Este relatório diferencia entre "sexo" e "gênero", usando a seguinte definição da Divisão de Estatística das Nações Unidas: "A palavra 'sexo' refere-se a diferenças biológicas entre homens e mulheres. Diferenças biológicas são fixas e imutáveis e não variam entre culturas ou ao longo do tempo. 'Gênero', por sua vez, refere-se a diferenças socialmente construídas nos atributos e oportunidades associadas com ser mulher ou homem e interações sociais e as relações entre homens e mulheres."
- Divisão Estatística das Nações Unidas, Que são as estatísticas de gênero (ONU, modificados em 1 de Maio de 2015), <http://unstats.un.org/unsd/genderstatmanual/What-are-gender-stats.ashx>.
- Saul Guerrero, Sophie Woodhead e Marieke Hounjet, *On the Right Track? Uma breve revisão de Monitoramento e Avaliação do Sector Humanitário* (Londres: Acção contra a Fome Internacional e Consórcio de Agências Humanitárias britânicos, 2013), p. 8.
- Naila Kabeer, "Os desafios da desigualdade de cruzamento", em "Grupo Desigualdade e interseccionalidade", *Maitreyee*, no. 24 (Brewster, Mass.: Desenvolvimento Humano & Capability Association, julho de 2014), p. 5.
- Jeffery Sachs, et al, SDG índice & Dashboards: um relatório global (New York: Bertelsmann Stiftung e Desenvolvimento Sustentável Network Solutions, 2016), p. 11.
- Inter-Agência do Secretário-Geral Nações Unidas e Grupo de Peritos em Desenvolvimento indicadores dos Objectivos de Sustentáveis, Dados e indicadores para a Agenda de Desenvolvimento Sustentável 2030 (New York: ONU, 2016), p. 58.
- Ver: Martín Valdivia, "Formação Business Plus para Empreendedorismo Feminino? Curto e Médio Prazo A evidência de um experimento de campo no Peru", documento de trabalho, (Lima: Grupo de Análises para el Desarrollo, maio de 2014); e Franck Adoho, et al, "O impacto de um programa de emprego Adolescente Girls: O Projeto EPAG na Libéria," Artigo de investigação Trabalho de Políticas não. 6832 (Washington, DC: Banco Mundial, abril de 2014).
- Michael O'Sullivan, et al, Nivelamento do campo: Melhoria das oportunidades para mulheres Agricultores em África (Washington, DC: Banco Mundial e ONE Campaign, 2014), p. 10.
- Elena Bardasi, et al., "Do Labor Statistics Depend on How and to Whom the Questions are Asked? Results from a Survey Experiment in Tanzania", *Policy Research Working Paper*, no. 5192 (Banco Mundial, janeiro de 2010), pp. 39-41.
- Louise Fox e Obert Pimhidzai, "Sonhos diferentes, mesma cama: coleta, uso e interpretação de estatísticas de emprego na África Subsaariana: O caso do Uganda," *Policy Research Working Paper* no. 6436 (Banco Mundial, maio de 2013), p. 14.
- Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Uma abordagem de Direitos Humanos, com base de dados: não deixando ninguém para trás na Agenda de Desenvolvimento de 2030; Nota de Orientação à coleta de dados e desagregação (Genebra: OHCHR, 19 de fevereiro de 2016).
- Ver: Assembleia Geral das Nações Unidas, "Resolução aprovada pela Assembleia Geral em 29 de Janeiro de 2014: Princípios Fundamentais das Estatísticas Oficiais," A / RES / 68/261 (New York).
- Escritório Regional da Organização Mundial da Saúde para o Pacífico Ocidental, Medição e Resposta à Violência contra a Mulher em Kiribati: Ação sobre a desigualdade de gênero como um determinante social da Saúde (Manila: Escritório Regional da OMS para o Pacífico Ocidental, 2013), p. 1.
- Secretaria da Comunidade do Pacífico, Kiribati de Saúde da Família e Apoio ao Estudo: Um Estudo sobre a Violência contra Mulheres e Crianças (Noumea, Nova Caledônia: Secretariado da Comunidade do Pacífico, 2010), p. 2.
- Teima Onorio, "Declaração do Vice-Presidente de Kiribati, Sr. Ms Teima Onorio para a Comissão 57th sobre o Estatuto das Mulheres" (Março de 2013).
- Plan International Índia, Histórias de mudança: A defesa dos Direitos da Criança da menina (New Delhi: Plan International Índia, 2014) p. 4.
- Organização Census of India, Punjab Censo Demográfico de Dados 2011, <http://www.census2011.co.in/census/state/punjab.html>.
- Plan International Índia, Histórias de mudança: defender os Direitos da Criança da menina (New Delhi: Plan International Índia, 2014), p. 5.
- ONE, Pobreza é sexista: Por que meninas e mulheres devem estar no centro da Luta contra a Pobreza Extrema (ONE, 2015).
- Taryn Dinkelmann, "Os Efeitos da Electrificação Rural fi cação do Emprego: New Evidence da África do Sul," *American Economic Review*, vol. 101, n. 7 (Dezembro de 2011), pp. 3078-3108.
- ONE Campaign, Pobreza é sexista 2016, disponível em <https://www.one.org/us/take-action/poverty-is-sexist/#report>.
- Bread for the World Institute. 2015: Relatório Fome: Quando as Mulheres Sucedem ... Podemos Acabar com a Fome (Washington, DC: Bread for the World Institute de 2015), p. 36.
- Gaëlle Ferrant, Keiko Nowacka e Annelise Thim, Fazendo jus à visão da Igualdade de Pequim: normas sociais e transformadoras (Paris: Centro de Desenvolvimento da OCDE, março de 2015), p. 6.
- Gaëlle Ferrant, Luca Maria Pesando e Keiko Nowacka, Trabalho não remunerado: Na análise das disparidades de gênero no Trabalho (Paris: Centro de Desenvolvimento da OCDE, Dezembro de 2014), p. 6.
- Gaëlle Ferrant e Keiko Nowacka, "Medir os condutores de desigualdade de gênero e seu impacto no desenvolvimento: o papel das instituições sociais discriminatórias," *Gender & Development*, vol. 23, no. 2 (2015), pp. 319-335.
- Gaëlle Ferrant e Alexandre Kolev, O custo econômico da Discriminação Baseada no Gênero em Instituições Sociais (Paris: Centro de Desenvolvimento da OCDE, Junho de 2016).
- Constituição da República do Uganda de 1995, para. 31 (1).
- Casamento consuetudinário (Registro) Act 1973 (Uganda Legal Information Institute), Parte I, para. 11, <http://www.ulii.org/ug/legislation/consolidated-act/248>.
- Uganda Bureau of Statistics 2011 Uganda Inquérito Demográfico e de Saúde (Kampala, Uganda: UBOS, agosto de 2012), p. 50.
- Desenvolvimento Sustentável Soluções de Rede, et al, Dados para o Desenvolvimento : Uma Avaliação das Necessidades de Metas de Monitoramento Global e Desenvolvimento de Capacidade Estatística (SDSN, 17 de abril de 2015), p. 6.

POR SER
MENINA



A CERCA DE PLAN INTERNATIONAL

A Plan International se esforça para fazer avançar os direitos das crianças e igualdade para meninas em todo o mundo. Nós reconhecemos o poder e o potencial de cada criança. Mas isso muitas vezes é suprimida pela pobreza, violência, exclusão e discriminação. E na realidade, as meninas são mais afetadas.

Como organização independente de desenvolvimento humanitário, trabalhamos junto com as crianças, os jovens, os nossos patrocinadores e parceiros para combater as causas dos desafios que se colocam meninas e todas as crianças vulneráveis.

Apoiamos os direitos das crianças desde o nascimento até atingirem a idade adulta, e permitir que as crianças se preparem para responder as crises e situações adversas. Nós dirigimos mudanças nas práticas e políticas a nível local, nacional e global usando nossos resultados, experiência e conhecimento.

Ao longo de nosso trabalho, valorizar as meninas e acabar com a injustiça contra elas para que elas possam gozar dos seus direitos. A iniciativa global mais importante "Por ser Menina" é um movimento impulsionado pela Plan International com vista a assegurar que as meninas em todos os lugares podem aprender, liderar, decidir e prosperar.

Há mais de 75 anos temos vindo a construir fortes parcerias em prol do bem-estar de crianças atualmente trabalhamos em mais de 75 países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento.

© Plan International 2016

Plan International
Bloco A, Dukes Court
Duke Street
Woking, Surrey
GU21 5BH
Reino Unido

Website: plan-international.org/girls
Siga-nos no Facebook / [planinternational](https://www.facebook.com/planinternational)
ou no Twitter @planglobal